

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Carla Patrícia Pintado Núñez

**O educativo das relações de gênero no Assentamento Águas Claras:
algumas considerações sobre tempo, trabalho e lazer.**

**Porto Alegre
2003**

Carla Patrícia Pintado Núñez

**O educativo das relações de gênero no Assentamento Águas Claras:
algumas considerações sobre tempo, trabalho e lazer.**

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós- Graduação em Educação da Faculdade
de Educação da Universidade Federal do
Rio Grande do Sul, como requisito parcial
Para obtenção do título de Mestre em Educação.
Orientadora: Profa. Dra. Marlene Ribeiro

**Porto Alegre
2003**

*Para toda minha família e, em especial, Carlos e Graciela,
meus pais, que, com seu amor me deram a possibilidade de
estudar e hoje estar aqui, e, com seu exemplo
de luta, inspiraram meu trabalho.*

Quero agradecer...

...à Profa. Dra. Marlene Ribeiro, por ter me recebido nesta Universidade e orientado meu trabalho, me fornecendo todas as condições possíveis para um verdadeiro crescimento, com suas observações, críticas e diálogo. Agradeço ainda, a forma carinhosa e sensível que Marlene me recebeu em sua vida, como "sua filha", como ela costuma chamar suas orientandas e seus orientandos.

...aos meus colegas de orientação Georgina, Lisete, Carlos, Francisco, Valter, Eliane, Odimar, Dileno, Silvana, Gabriel, Luis Fernando, Nair, Eliete, Maria Laura, Leni, companheiros de discussões, congressos, trabalhos e festas.

...à prof. Dra. Marie Jane Carvalho, pelas importantes discussões nas disciplinas, e por suas enriquecedoras contribuições na qualificação do projeto.

...à prof. Dra. Maria Clara Fischer, pelas importantes observações e contribuições na qualificação do projeto.

...às professoras e professor com os quais tive o prazer de cursar disciplinas: Carlos Skliar, Guacira Louro, Dagmar Meyer, Jane Felipe, Elizabeth Krahe.

...ao pessoal da secretaria da Pós-Graduação, por sempre estar disposto a ajudar no que for necessário.

...à família Zang , especialmente Julieta, por me receberem sempre de portas abertas, emprestarem material para a pesquisa e serem meus primeiros contatos dentro do Assentamento.

...a todas as famílias que entrevistei, pela confiança e contribuição para esta pesquisa.

...às minhas amigas e amigos, pela sua paciência e compreensão, ao fato de ter estado ausente em muitas oportunidades e recusado muitos convites, em função desta pesquisa.

...à banca que fará a avaliação desta dissertação.

...à minha cunhada Emmanuelle e ao meu irmão François pela ajuda para lidar com os inúmeros problemas que tive com os computadores na última etapa do trabalho.

...à direção e colegas do Pastor Dohms pelo apoio durante esta pesquisa.

...ao meu colega e namorado Mauro pela ajuda na revisão e correção dos gráficos antes da entrega da versão final desta dissertação.

...a todas as pessoas que de alguma forma contribuíram com este trabalho.

El Movimiento de los Sin Tierra es culpable: no sólo no respeta el derecho de propiedad de los zánganos, sino que, además, para colmo, tampoco respeta el deber nacional: los sin tierra cultivan alimentos en las tierras que conquistan, aunque el Banco Mundial manda que los países del sur no produzcan su propia comida y sean sumisos mendigos del mercado internacional. (Galeano, 1998, p. 330)

RESUMO

Esta pesquisa tem como sujeito de investigação o MST, mais especificamente as mulheres e homens do Assentamento Águas Claras, localizado no município de Viamão, RS. O objetivo foi conhecer o cotidiano das pessoas assentadas e pensar como a articulação das relações de gênero com o uso do tempo nos âmbitos de trabalho e lazer funcionaria como princípio educativo, entendendo a Educação como algo mais amplo que a escola.

A pesquisa de campo foi um estudo de caso. As técnicas de coleta de dados foram 24 entrevistas semi-estruturadas, observação participante e análise documental. O referencial teórico usado é baseado nas teorias marxista e feminista. Procurei seguir uma abordagem de pesquisa qualitativa.

A teoria aparece mesclada com questões históricas e dados coletados para uma maior compreensão da realidade. Os dados encontrados levantam alguns problemas que essas pessoas têm em relação à falta de recursos, à distância da lavoura, à falta de opções de lazer. O educativo das relações de gênero neste âmbito aparece como um processo que existe, mas ocorre de forma lenta e cheio de contradições. Por um lado os sujeitos reconhecem que as mulheres, na sua maioria, trabalham mais que os homens e têm menos tempo livre. No entanto, pouca coisa é feita para mudar essa realidade.

PALAVRAS-CHAVE: Gênero, Tempo, Trabalho, Lazer.

RESUMEN

Esta investigación tiene como sujeto el MST, mas específicamente a las mujeres y hombres del Assentamiento Águas Claras, ubicado en el municipio de Viamão, RS. El objetivo fue conocer el cotidiano de las personas asentadas y pensar cómo la articulación de las relaciones de género con el uso del tiempo en los ámbitos de trabajo y ocio funcionarían como principio educativo, entendiendo la Educación como algo más amplio que la escuela. La investigación de campo fue un estudio de caso. Las técnicas de colecta de datos fueron 24 entrevistas semi-estruturadas, observación participante y análisis documental. Las referencias teóricas utilizadas tienen como base el marxismo y la teoría feminista. Busqué seguir un abordaje de investigación cualitativa.

La teoría aparece mezclada a cuestiones históricas y datos obtenidos para una mayor comprensión de la realidad. Los datos encontrados levantan algunos problemas que esas personas tienen en relación a la falta de recursos, a la distancia de la plantación, a la falta de opciones de ocio. El proceso educativo de las relaciones de género en este ámbito aparece como un proceso que existe, pero ocurre de una forma lenta y lleno de contradicciones. Por un lado, los sujetos reconocen que las mujeres, en su mayoría, trabajan más que los hombres y tienen menos tiempo libre. Sin embargo, poca cosa se hace para cambiar esa realidad.

PALABRAS CLAVE: Género, Tiempo, Trabajo, Ocio.

LISTA DE FIGURAS

Fig. 1: Participação em reuniões.....	38
Fig. 2: Trabalho familiar.....	61
Fig. 3: Trabalho extra.....	62
Fig. 4: Quem realiza o trabalho doméstico.....	69
Fig. 5: Quem cuida das crianças.....	70
Fig. 6: Trabalho de mulheres e homens.....	72
Fig. 7: Atividades de Tempo Livre.....	76

LISTA DE SIGLAS

ALCA - Área de livre comércio das Américas.

CDP - Campo Democrático e Popular.

Contag - Confederação Nacional dos Trabalhadores na Agricultura.

CPT - Comissão Pastoral da Terra.

FACED - Faculdade de Educação.

FETAG - Federação dos Trabalhadores na Agricultura.

INCRA - Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

LDB - Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.

MASTER - Movimento dos Agricultores Sem-Terra.

MST - Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra.

UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Uitab - União dos Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil.

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS.....	09
LISTA DE SIGLAS.....	10
INTRODUÇÃO.....	11
O ASSENTAMENTO ÁGUAS CLARAS.....	18
Reflexões acerca do conhecimento científico e pesquisa.....	18
O estudo de caso e a pesquisa no Assentamento.....	21
A escolha do Assentamento e do MST.....	26
Breve histórico do Assentamento.....	31
A idéia de assentamento do MST e o Assentamento Águas Claras.....	34
Identidade Sem Terra.....	41
ARTICULAÇÕES ENTRE GÊNERO, TEMPO, TRABALHO E LAZER.....	51
Tentando entender o trabalho em nossa sociedade.....	51
Gênero e Trabalho.....	57
Estudo sobre gênero nas ciências humanas.....	62
Tempo e trabalho.....	65
Tempo de agricultoras e agricultores.....	68
Tempo livre e/ou lazer.....	74
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	80
REFÊRENCIAS.....	82
APÊNDICES.....	88
APÊNDICE A - Modelo de autorização das entrevistas.....	88
APÊNDICE B - Tabelas com transcrição parcial das entrevistas.....	89
7. ANEXO - Diagnóstico de Realidade do Assentamento.....	118

1. INTRODUÇÃO

Antes de começar a escrever sobre a pesquisa preciso explicar que a construção das questões estão relacionadas com minha história de vida. Desta maneira, resolvi retornar ao memorial que escrevi para a seleção de mestrado. Considero importante que entendam os motivos que me levaram a fazer esta escolha.

Nasci em 1977, em Porto Alegre. Moro, desde que nasci, com meus pais (Carlos e Graciela), minha avó materna (Nidia), e minha tia (Jeanet). Quando tinha dois anos e meio nasceu meu único irmão (François). Meus pais, avôs, tios, primos e demais parentes são uruguaios, naturais de Montevidéu. Meu irmão e eu nascemos no Brasil mas poderíamos ter nascido na Austrália já que meus pais pretendiam ir para lá antes de descobrir que eu já estava a caminho. A situação político-econômica do Uruguai estava péssima e em 1977 meus pais tiveram que sair do país.

Quando eles chegaram ao Brasil tiveram muitos problemas por serem estrangeiros e não falarem o idioma. Mas isso não era nada comparado à discriminação por parte das autoridades federais e também de alguns cidadãos brasileiros. No meu primeiro ano de vida fomos morar em Curitiba e lá meus pais trabalhavam como representantes comerciais de planos de saúde; economicamente estavam razoavelmente bem. Mas uns amigos ofereceram trabalho em Porto Alegre e como esta ficava mais próxima de Montevidéu

decidiram voltar para cá. Mas o trabalho não deu certo. Morávamos em uma “casinha infestada de cupins” como dizia uma antiga canção infantil que costumava cantar. Meu irmão nasceu prematuro na Santa Casa e quase morreu. Minha mãe estava com depressão fisiológica devido às complicações do parto e meu pai desmotivado não vendia nada. Foi um período muito duro.

Alguns anos passaram e nossa vida começou a melhorar. Quando tinha cinco anos minha família pode retornar ao Uruguai. Meu avô paterno insistia em ter o filho e todos nós lá. Nessa época lembro de ter ido a muitas manifestações nas ruas e lembro também que, quando perguntava o que estava acontecendo, minha família me explicava que estávamos lutando para ter justiça e liberdade. Era a luta contra a ditadura no Uruguai. Nesses dois anos cursei a pré-escola e a primeira série. Lembro que adorava as aulas pois desde pequena ouvia histórias e era incentivada a ler em casa. A situação econômica piorou e voltamos para Porto Alegre.

Fomos morar num apartamento na rua Júlio Bocaccio. Meus pais me matricularam na escola Gabriela Mistral, mas não conseguiram colocar-me na segunda série, como corresponderia pelo meu histórico escolar, devido à idade; eu tinha seis anos naquele momento. Tive que cursar a primeira série novamente. Isso foi uma experiência realmente frustrante porque eu já sabia ler e escrever em espanhol e como o português tem muitas semelhanças eu conseguia também ler e escrever aqui. Isso atrapalhava o andamento da aula pois eu não deixava meus colegas participarem e a professora me colocava outras tarefas como arrumar armários, buscar material, etc... Na metade do ano meus pais decidiram pedir

transferência para outra escola por considerarem que na primeira escola estava sofrendo muito com a situação e não aprendia nada.

Escrevendo meu projeto de pesquisa percebi como a língua foi uma dificuldade para minha família. Primeiro, para meus pais (quando chegaram) e alguns anos mais tarde para mim (na escola). Talvez isso tenha vindo a me influenciar na escolha da profissão em nível inconsciente. Sou graduada em Letras, Língua Espanhola e Respectivas Literaturas e hoje, além de pesquisadora, trabalho como professora de espanhol.

Continuando o relato, naqueles anos meus pais tinham uma pequena confeitaria que abriram em sociedade com outros uruguaios. Também continuavam, como militantes sociais, coordenando em POA a campanha por “Verdad y Justicia”, que pedia o julgamento dos militares que violaram os direitos humanos e torturam pessoas durante a ditadura no Uruguai. Em 1989 fomos à Montevideu para votar no plebiscito contra a lei que anistiava os militares torturadores. O povo perdeu esse plebiscito e na noite seguinte à votação sofremos um atentado e quase morremos num incêndio. Na frente da casa do meu avô havia um comitê do “Frente Amplio” onde ocorriam reuniões para organizar o plebiscito contra a anistia aos torturadores; alguém jogou uma bomba incendiária lá.

Desde pequena meus pais me mostraram que a realidade não é algo estático que não pode ser mudado, tanto com suas palavras quanto com seus atos. Sempre estive com eles e conseqüentemente envolvida em diversas

situações de luta e isso me deu uma visão prática do que são lutas sociais. Conceitos como opressão, discriminação, e também resistência influenciaram na construção da minha personalidade. Sou bastante sensível aos problemas sociais porque sofri algumas das injustiças que eles trazem. Hoje ocupo um lugar privilegiado na sociedade, já que estou formada e cursando pós-graduação, enquanto grande parte da população vive abaixo da linha de pobreza. Por ter a oportunidade de ocupar esse lugar, sinto necessidade de engajar-me em processos que busquem novas alternativas para a injustiça vigente em nosso mundo.

Há vários grupos lutando contra o capitalismo e buscando soluções para a atual sociedade. Julgo importante conhecer essas propostas que vêm surgindo em oposição à produção capitalista. Penso que outras alternativas de trabalho estão sendo buscadas por esses novos sujeitos sociais e vale a pena estudá-las com mais profundidade. Neste contexto surgem muitos movimentos sociais, lutando pelos seus direitos. Entre eles, um dos que considero mais importantes pelas suas propostas, sua capacidade de ação e sua notoriedade social é o MST, sujeito desta pesquisa.

Não mencionei até agora que moro em Águas Claras, uma zona rural de Viamão, onde as pessoas vivem em clubes de campos, pequenos sítios, chácaras, vilas e assentamentos rurais. Nossa comunidade é bastante organizada e, através de associações de moradores, já há alguns anos conseguimos muitos benefícios para a nossa região. Nos últimos anos começaram a ser feitas reuniões do Orçamento Participativo e sempre que posso participo. Nestas decidimos as

prioridades e detectamos os problemas que afligem nossa comunidade. Nas plenárias acabei conhecendo muitas pessoas do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que moram no assentamento de Águas Claras.

Visitei o assentamento várias vezes e comecei a perguntar sobre as formas de trabalho, a escola, a proposta pedagógica. Essas indagações eram só por curiosidade, ainda nem pretendia fazer mestrado. Comecei a ler sobre o MST e tentar saber mais. Entrei um dia no site da UFRGS e vi que estavam abertas as inscrições para Mestrado em Educação. Mais por curiosidade, que por pretensão de prestar seleção naquele ano, comecei a ler o que estava sendo estudado nas linhas de pesquisa. Quando vi que estavam investigando movimentos sociais e MST decidi prestar seleção.

Ao chegar na UFRGS para fazer a inscrição de seleção não tinha a mínima idéia de como funcionava a seleção, o curso, etc. Não tive tempo de me preparar para a prova e mal sabia escrever o memorial. Sabia que não passaria na primeira seleção mas, mesmo assim, resolvi tentar para conhecer o processo. Lembro que passei na primeira etapa, a prova escrita. Acho que isso se deve ao fato de ler bastante, ter sensibilidade para as questões sociais e um pouco de conhecimento sobre o MST.

Como não conhecia ninguém da FACED, coloquei que gostaria de ter como orientadora a Profa. Dra. Marlene Ribeiro. Não a conhecia pessoalmente mas sabia que trabalhava com MST e com o referencial que pensava estudar. Na minha primeira seleção, a banca, de modo geral, foi bastante simpática, com

exceção de uma pessoa que, em tom irônico, disse que era muita audácia da minha parte apresentar-me numa seleção de mestrado. Ela se referia ao fato de que eu estava recém formada, não tinha especialização e não havia cursado disciplinas como aluna PEC. Além disso, vinha de outra Universidade. Como percebi que não passaria e estava nervosa na entrevista não fui muito diplomática nas minhas respostas. No entanto, as outras pessoas da banca foram muito gentis e sugeriram que cursasse algumas disciplinas como aluna especial para estar preparada na próxima seleção. Foi o que fiz. Cursei duas disciplinas com a Marlene e fui aprovada na segunda seleção.

Preciso colocar que a escolha da minha orientadora não foi por acaso. Escolhi a Marlene porque, como já coloquei, trabalhava com o MST e o referencial que eu queria estudar. Não a conhecia pessoalmente mas imaginava que se tratava de uma pessoa sensível pelo tipo de trabalho que desenvolvia. Quando a conheci e comecei a trabalhar com ela fiquei, e continuo ficando, cada vez mais feliz com minha escolha. Marlene me aceitou e me acolheu dentro desta Universidade e dentro de sua vida, como sua orientanda e, como ela gosta de nos chamar, como sua filha. Vejo na Marlene, pelo seu conhecimento acadêmico, pela sua capacidade crítica, pela sua sensibilidade e pela sua afetividade, um exemplo a ser seguido. Sempre serei grata à Marlene por tudo isso.

Minha pesquisa foi realizada no Assentamento Águas Claras, localizado em Águas Claras do Sul, município de Viamão, estado do Rio Grande do Sul. Primeiramente pensava estudar a escola dentro do MST porque havia uma escola no Assentamento que estava em conflito com os pais das crianças assentadas por

não seguir a pedagogia do Movimento. Mas havia um colega de orientação que já estudava a escola e acabou indo fazer aquela pesquisa. Resolvi então pensar como seriam as relações de gênero dentro do Movimento e como isso poderia ser visto como educativo. Procurei disciplinas que me fornecessem um referencial teórico que julguei adequado com o que pretendi estudar.

Esta dissertação resulta de uma pesquisa de campo, feita através de um estudo de caso no setor D do Assentamento Águas Claras, localizado no município de Viamão. As técnicas de coleta de dados foram 24 entrevistas semi-estruturadas, observação participante e análise documental. O referencial teórico usado é baseado nas teorias marxista e feminista. Procurei seguir uma abordagem de pesquisa qualitativa.

O objetivo foi conhecer o cotidiano das pessoas assentadas e pensar como a articulação das relações de gênero com o uso dos tempos de trabalho e lazer funcionaria como princípio educativo, entendendo a Educação como algo mais amplo que a escola.

No texto a teoria aparece mesclada com questões históricas e dados coletados para uma maior compreensão da realidade. Os dados encontrados levantaram alguns problemas que as agricultoras e agricultores assentados têm em relação à falta de recursos, à distância da lavoura, à falta de opções de lazer. O educativo das relações de gênero, neste âmbito, aparece como um processo que existe, mas ocorre de forma lenta e cheio de contradições. Por um lado, os sujeitos reconhecem que as mulheres, na sua maioria, trabalham mais que os

homens e têm menos tempo livre. Por outro, pouca coisa é feita para mudar essa realidade, conforme mostra a pesquisa.

2 O ASSENTAMENTO ÁGUAS CLARAS

Este capítulo está dividido em seis seções. Na primeira busco uma reflexão sobre pesquisa em ciências humanas e aponto o referencial teórico escolhido. Na segunda, explico a metodologia usada nesta pesquisa. Na terceira, justifico a escolha do Assentamento e do MST. Na quarta seção aponto dados históricos sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra e na quinta historio o Assentamento Águas Claras e a concepção de assentamento do MST. Na sexta seção levanto algumas questões sobre a formação de uma possível identidade Sem Terra.

2.1 Reflexões acerca de conhecimento científico e pesquisa

As pesquisas mais recentes nas Ciências Humanas, destacando a Educação, vêm trabalhando com investigação qualitativa, assumindo a não-neutralidade do cientista, valorizando a pessoa do(a) investigador(a), apostando em entrevistas abertas e em profundidade, observação participante e estudo de materiais diversos daqueles valorizados pelo positivismo e pelos métodos quantitativos.

Baquero et al (1995) aponta para crises na área das Ciências Humanas, com relação à produção de conhecimento. Essas estariam divididas em quatro

crises fundamentais: de natureza epistemológica; de natureza metodológica; de relevância e de finalidade. A primeira corresponderia à falta de clareza quanto à teoria do conhecimento que orienta o fazer científico em determinada área, bem como a utilização de teorias contraditórias entre si, gerando uma miscelânea conceitual. A segunda, trataria da falta de clarificação do problema, o delineamento do estudo, a especificação das unidades de investigação, a definição das técnicas de análise e interpretação dos resultados. A metodologia, neste caso, estaria sendo percebida como deslocada da teoria. A crise de relevância envolveria o aprofundamento teórico do campo de conhecimento e as possibilidades de uma mudança social em termos de aplicação prática dos resultados da investigação. A última crise, seria uma articulação das anteriores que é explicada pela autora na citação a seguir.

Manejo inadequado de procedimentos metodológicos e falta de domínio teórico da área de conhecimento têm levado à derivação de resultados científicos e sociais pouco relevantes, colocando em questionamento a própria área de conhecimento e sua possível contribuição no encaminhamento de problemas em nosso meio, instaurado o que se denomina de "crise de finalidade". (Baquero et al, 1995, p. 20)

Trago para esta pesquisa alguns conceitos de Thomaz Kuhn, que julgo importantes para entender como o/a pesquisador(a) vai percebendo o ambiente de acordo com o referencial teórico que utiliza. Kuhn (2001) afirma que *a existência da ciência depende da delegação do poder de escolhas entre paradigmas a membros de um tipo especial de comunidade*. Ele entende como paradigma as *realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo,*

fornece problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência. Para este autor, a ciência normal define-se como pesquisa firmemente baseada em uma ou mais realizações científicas passadas, reconhecidas por alguma comunidade científica específica durante algum tempo. Os fundamentos para suas práticas posteriores muitas vezes são relatados pelos manuais científicos. Baseia-se no pressuposto que a comunidade científica “sabe” como é o mundo.

O autor aponta a importância de se fazer ciência normal, porque se ela não existisse não haveria avanço nas ciências. Concordo com Kuhn que é necessário partir de um paradigma mesmo que depois, com a pesquisa, este possa vir a ser reafirmado ou contestado. Mas, como ele afirma, *alguma coisa semelhante a um paradigma é um pré-requisito para a própria percepção.* Ou seja, numa pesquisa de campo qualitativa, por exemplo, só vamos levantar determinadas questões se tivermos preparo e conhecimento suficiente para formular tais questões. E para tal, é preciso ter uma teoria que sustente a pesquisa, ter certas concepções de mundo, certo conhecimento de técnicas de pesquisa, etc.

Tomando como exemplo minha pesquisa de mestrado, só pude dizer que pretendia investigar as relações de gênero entre assentadas e assentados do MST, enfatizando categorias como Tempo, Trabalho e Lazer, após ter tido acesso a uma base teórica mínima na qual pude apoiar-me e perceber certos aspectos da realidade que me levaram à formulação de um problema. Kuhn coloca que *um paradigma pode até mesmo afastar uma comunidade social daqueles problemas sociais* e, mais adiante, expõe que *os debates entre paradigmas sempre envolvem*

a seguinte questão: quais são os problemas que é mais significativo ter resolvido?

Aqui percebo que, de acordo com o paradigma em que se trabalha, podemos levantar diferentes tipos de questões, que nem sempre se constituem como “problema” de pesquisa.

Durante o mestrado, procurei disciplinas que utilizassem um referencial teórico que considerarei adequado para o tipo de questões que levantaria em minha dissertação. Encontrei em autores e autoras que pesquisam o mundo do trabalho e movimentos sociais, na sua maioria, com referenciais marxistas e, em autoras que pesquisam gênero, na sua maioria, com referenciais feministas, as “lentes” que guiaram meu olhar dentro de campo, na hora de coletar os dados, e fora, no momento de análise.

2.2 O estudo de caso e a pesquisa no Assentamento

Sob a ótica da abordagem qualitativa¹, escolhi o estudo de caso porque, de acordo com Lüdke e André (1986), os estudos de caso, entre outras coisas, *ênfaticam a “interpretação em contexto”, buscam retratar a realidade de forma completa e profunda e usam uma variedade de fontes de informação*. Há até o momento, poucos estudos sobre MST que abordem gênero. Acredito que o estudo de caso se justifica pela importância de se conhecer as relações de gênero dentro do Assentamento Águas Claras, de uma forma mais densa e qualitativa. Penso

que estas relações ocupam grande centralidade no processo de formação humana e ao estudá-las, fora de um ambiente escolar, tentei encontrar seu elemento educativo.

Entre os diversos métodos de coleta de dados existentes, optei pela observação participante, pelas entrevistas e pela análise documental. Chamo a atenção para a maneira como as autoras percebem que pode ocorrer a observação numa pesquisa:

Decidir qual o grau de envolvimento no trabalho de pesquisa não significa decidir simplesmente que a observação será ou não participante. A escolha é feita geralmente em termos de um continuum que vai desde a imersão total da realidade até um completo distanciamento. As variações dentro desse continuum são muitas e podem inclusive mudar conforme o desenrolar do estudo. Pode acontecer que o pesquisador comece o trabalho como um espectador e vá gradualmente se tornando um participante. Pode também ocorrer o contrário, isto é, pode haver uma imersão total na fase inicial do estudo e um distanciamento gradativo nas fases subseqüentes. (Lüdke e André, 1986, p.28).

Coloquei essa citação porque ela retrata situações pelas quais passei durante a pesquisa. Inicialmente, procurei pessoas da coordenação para conversas em que me contavam como funcionava o Assentamento, como era sua organização e quais as dificuldades mais comuns naquele contexto. Elas me forneceram diversos materiais para consulta e me convidaram a participar de reuniões sobre organização e questões do Assentamento. Em uma dessas reuniões fui apresentada às coordenadoras e coordenadores de núcleos como pesquisadora na UFRGS e expliquei que visitaria algumas famílias do setor D para

¹ Sobre a abordagem qualitativa aplicada à pesquisa ver também: MINAYO (2000).

fazer entrevistas sobre o cotidiano delas. Conteí que estudava questões relacionadas a trabalho, movimentos sociais e educação e pesquisaria alguma coisa relacionada a isso. Tendo presente minha responsabilidade e ética enquanto pesquisadora, assumi o compromisso de fazer uma devolução desta pesquisa à coordenação do Assentamento e de omitir os nomes das pessoas entrevistadas e/ou não divulgar informações que pudessem vir a causar danos a essas pessoas.

Naquele período, por volta de abril de 2002, ainda não tinha clareza suficiente para delimitar meu trabalho. Estava, na verdade, conhecendo o ambiente, cursando disciplinas na Universidade para pensar em um trabalho que pudesse dar alguma contribuição social. No início estava interessada em pesquisar a Escola no MST porque quando conheci as pessoas do Assentamento, sabia do conflito de interesses existente numa escola localizada dentro do Assentamento, que não segue a pedagogia do Movimento. Mas havia um colega² que já pesquisava a Escola no MST e acabou sendo encaminhado pelo MST para pesquisar aquela escola. Decidi, então, procurar outra temática ligada ao Movimento para pesquisar. Comecei a pensar em como seriam as relações de gênero dentro do MST e aprofundei estudos sobre essas relações para tentar formular um problema de pesquisa que levantasse uma discussão nessa linha.

Foi chegando o tempo de defender o projeto de pesquisa, mas ainda não conseguia delimitar meu problema porque queria fazer um estudo para compreender como se organizavam as atividades de trabalho e lazer no

² MORIGI, Valter. *A escola do MST: uma utopia em construção*. Porto Alegre: Mediação, 2003. 96p.

assentamento, com um enfoque nas relações de gênero que elas envolvem. E, dentro disso, compreender como a relação conflitante entre os gêneros pode funcionar como um princípio educativo, enquanto constituinte de novos sujeitos sociais, mulheres e homens agricultores vinculados a um movimento social, o MST, que tem e procura por em prática um projeto de sociedade.

No meu projeto coloquei que pretendia entrevistar mais mulheres do que homens, porém, as professoras da banca examinadora da qualificação do projeto de mestrado, Dra. Marie Jane Carvalho e Dra. Maria Clara Fischer, logo questionaram se seria um trabalho sobre mulheres agricultoras ou sobre gênero. Aguiar (1997), analisando pesquisas sobre mulheres e gênero, percebe que os *estudos de gênero com frequência também são vistos como estudos sobre mulheres, apesar de seu enfoque relacional*. Percebi, então, que deveria entrevistar as famílias para compreender como se davam as relações de gênero.

Outra contribuição de extrema importância, feita pela banca, foi quando a professora Dra. Marie Jane Carvalho colocou que meu estudo era sobre a organização social das temporalidades, basicamente centrada nos tempos de trabalho e lazer e que gênero, relações de poder e princípio educativo eram derivações teórico-analíticas. Que minha investigação concreta era sobre tempo. A partir desse momento comecei a buscar autoras e autores que trabalhassem com o estudo do tempo. Embora pense que meu estudo não é especificamente sobre tempo, essa categoria foi inserida na pesquisa e poderá ser retomada com mais profundidade em outro momento. Essas observações serviram para guiar e organizar melhor meu trabalho e sempre agradecerei à banca por isso.

Os dados obtidos foram organizados, primeiramente em anotações das observações, comentários sobre os documentos lidos e 24 entrevistas nas quais em 22 foi usado o gravador. Ouvi-as diversas vezes antes de decidir como transformá-las em dados de pesquisa. As famílias foram escolhidas por sorteio, porém, levei em conta que morassem em partes diferentes do setor D, para que não fossem todas do mesmo núcleo. Selecionei seis ruas do Assentamento e escolhi quatro famílias de cada. Pedi a cada família entrevistada autorização por escrito para publicação dos resultados, como recomenda a Universidade, mantendo as identidades individuais em sigilo. Combinei ainda que, ao terminar a pesquisa, devolveria os resultados à coordenação do Assentamento.

As entrevistas foram realizadas nos meses de novembro e dezembro de 2002 e fevereiro, março, abril e maio de 2003. Demorei todo esse tempo porque fiz o mestrado trabalhando, então não poderia ir ao Assentamento com a frequência que gostaria. A técnica usada foi a entrevista semi-estruturada. Foi feita uma reunião para avisar que eu estaria visitando as famílias e fazendo algumas perguntas. No entanto, muitas pessoas não sabiam de meu trabalho. Fiz as visitas sem marcar com antecedência. Chegava nas casas, conversava com as pessoas e fazia a entrevista. Em quase todas fui recebida muito bem, poucas pessoas se mostraram desconfortáveis, mesmo com o uso do gravador. Só em duas entrevistas não usei o gravador.

Na primeira família em que não gravei a entrevista, a pessoa que me recebeu estava lavando roupa na rua e não parou de realizar a atividade, respondendo a entrevista, de pé. Por isso nem pedi para usar o gravador. Na

outra entrevista não usei porque a pessoa não autorizou, pediu que anotasse as respostas. As demais pessoas se mostravam tímidas com o gravador porque imaginavam que eu pudesse perguntar algo que elas não soubessem responder. Depois das primeiras perguntas percebiam que queria conhecer seu cotidiano e ficavam à vontade. As entrevistas fluíam como uma conversa e elas contavam bem mais coisas do que eu perguntava.

Baseada em Bogdan e Biklen (1994) optei por transcrever as principais informações das entrevistas em tabelas anexas no final do trabalho. Escrevi com minhas palavras mas, em alguns momentos, transcrevi entre aspas as falas das pessoas entrevistadas e estas aparecem citadas ao longo do trabalho. De acordo com os autores

Dado o imenso tempo e a despesa envolvida na transcrição de entrevistas, as pessoas que trabalham sem fundos para a investigação optam muitas vezes por atalhos. Um desses atalhos consiste em dactilografar você as transcrições, mas deixando de fora o material que não diz respeito às suas preocupações (Bogdan e Biken, 1994, p.175).

Além das tabelas, elaborei alguns gráficos para ilustrar melhor certos resultados que foram aparecendo conforme a análise da pesquisa. Não dediquei um capítulo específico para colocar minha análise. Procurei ir fazendo isso ao longo do texto, mesclando teoria, relato, dados e análise.

2.3 A escolha do Assentamento e do MST

Como já mencionei antes conheci algumas pessoas do Assentamento e percebi que teria a oportunidade de fazer um estudo que contribuísse para o entendimento de uma forma social diferente, representada por esse Assentamento, com propostas que se opõem à injustiça presente em nosso país, onde impera a exploração e opressão.

Gohn, no livro *Mídia, Terceiro Setor e MST* (2000), situa o MST na atual sociedade, analisando características desse Movimento. Concordo com a autora quando afirma que o MST é hoje o maior movimento social popular organizado no Brasil e possivelmente na América Latina.

O MST não reivindica apenas a terra e o crédito agrícola para começar o trabalho, busca uma sociedade justa. Tem suas bandeiras, seus ritos, sua escola e suas crenças. Os integrantes fazem questão de cultivar seus símbolos, como os bonés vermelhos e as bandeiras do Movimento, para deixar bem claro que são Sem Terra. Querem ser reconhecidos socialmente. Lutam por uma escola diferente, que forme pessoas diferentes (Caldart, 2000). O uso da expressão *Sem Terra* será retomada na seção 2.6, referente a identidade Sem Terra.

Não pretendo trazer a história do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) por ser uma tarefa demasiado árdua para os limites deste trabalho, bem como desnecessária, por já existir bibliografia extensa sobre o assunto. Minha intenção é apontar alguns dados históricos que creio relevantes para entender e situar socialmente o Movimento. Baseada principalmente nas

obras: *A história da luta pela terra e o MST*, de Mitsue Morissawa (2001); *Pedagogia do Movimento Sem Terra*, de Roseli Caldart (2000); *Sem Terra aprende e ensina*, de Luiz Bezerra Neto (1999), e outros, escrevi os próximos parágrafos que apontam interessantes dados para conhecer um pouco o MST.

A injusta distribuição de terras no Brasil começou há mais de quinhentos anos atrás com a chegada dos europeus, principalmente portugueses, que massacraram e exploraram os povos indígenas que aqui habitavam, além de escravizarem, por longo período, negros trazidos da África para trabalhar nos engenhos e fazendas. Como não me proponho a fazer uma reconstrução da história brasileira e sim trazer apenas alguns pontos, começo lembrando as lutas por terras ocorridas de 1888 a 1964, que tiveram influência como precedentes para a formação do MST.

De acordo com Bezerra Neto (1999) as lutas pela terra no Brasil começaram no período colonial com os povos indígenas na defesa de seu território contra os portugueses e os fazendeiros da época. Essas lutas ganharam impulso no final do século XX com as denominadas lutas messiânicas. Foram duas as mais significativas: a *Guerra de Canudos*, ocorrida entre 1870 e 1897 nos sertões, cujo líder era Antônio Conselheiro; e a *Guerra do Contestado*, ocorrida entre 1912 e 1916, num local disputado entre Santa Catarina e Paraná, que acabou dando origem ao nome contestado. Seu líder foi o monge José Maria. Ambas tinham em comum a existência de um líder messiânico e a participação de camponeses que buscavam alternativas de sobrevivência.

Bezerra Neto (1999), afirma, ainda, que houve um segundo momento de lutas com caráter violento, entre as quais destaca as seguintes: luta de posseiros de Teófilo Otoni- MG (1945-1948); a revolta da Dona “Nhoca”, no Maranhão (1951); revolta de Trombas e Formoso, em Goiás (1952-1958); revolta do sudoeste do Paraná (1957) e luta dos arrendatários em Santa Fé do Sul, São Paulo (1959).³

O autor considera que uma terceira fase de luta pela terra seria entre 1950 e 1964, onde houve o surgimento de vários movimentos camponeses organizados em entidades diversas como veremos a seguir.

No período de 1954 a 1964 surgiram as Ligas Camponesas, a União de Lavradores e Trabalhadores Agrícolas do Brasil (ULTAB) e o Movimento dos Agricultores Sem-Terra (MASTER). A partir de 1962, com a formação das Ligas, inicialmente em Pernambuco e logo em outros estados, muitos camponeses haviam criado uma *consciência camponesa* que os levava a empreender uma luta de *reforma agrária radical*. A ULTAB foi criada em 1954 pelo PCB (Partido Comunista Brasileiro) para coordenar as associações camponesas e estabelecer aliança política entre os operários e os trabalhadores rurais. O único estado em que a ULTAB não atuou foi no Rio Grande do Sul, onde já existia o MASTER. Este surgiu em 1950, a partir da resistência de 500 famílias de posseiros no município de Encruzilhada do Sul. Em dezembro de 1963 surgiu a CONTAG (Confederação dos Trabalhadores na Agricultura).

³ Movimentos sociais, em que se destaca a luta pela terra, aparecem também, nas obras de ALENCAR et alii (1996) e AQUINO et alii (1999).

Fazendo um salto na história gostaria de colocar que as Ligas Camponesas foram aniquiladas em 1964 pelos governos militares. No entanto, é importante lembrar que elas lutavam por reforma agrária assim como o MST, e serviram de inspiração para este Movimento. Em 1970 os governos militares estimularam a mecanização e modernização da lavoura, como parte de sua política agrária, o que provocou expulsão de grande contingente de agricultores do campo para a cidade. Mas no final dos anos de 1970 a indústria começou a dar os primeiros sinais de crise e na década de 1980, chamada por muitos economistas de “década perdida”, houve grande aumento de desemprego também na cidade. Foi nesse contexto que o MST foi sendo constituído.

Além da mecanização da agricultura, outros fatores influenciaram a expulsão de pequenos proprietários rurais. A construção da Hidrelétrica Binacional de Itaipu levou à desapropriação das terras de mais de 12 mil famílias no extremo oeste do Paraná, em 1975. A indenização foi pequena e paga a poucas famílias. Em decorrência, a CPT (Comissão Pastoral da Terra), constituída por bispos, padres e pastores das igrejas católica e evangélica de confissão luterana, juntamente com sindicatos de trabalhadores rurais, formaram o Movimento de Justiça e Terra. Outros movimentos nesse sentido surgiram em diferentes pontos do Paraná.

Foi em 1984, durante o 1º Encontro dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, em Cascavel (PR), que o MST foi fundado oficialmente. No ano seguinte aconteceu o primeiro Congresso Nacional dos Sem Terra.

Pela história de luta e busca por transformação social, pela notoriedade de suas ações na sociedade brasileira e, concordando com Caldart (2000), pela intrigante *produção de uma identidade coletiva que transcende as características específicas dos sujeitos que o integram*, considero importante aprofundar estudos sobre as propostas trazidas pelo Movimento. Vejo o estudo de caso, feito no Assentamento Águas Claras, como uma possibilidade de compreender algumas práticas cotidianas que possam, de alguma forma, mostrar que, mesmo numa sociedade oprimida pelo neoliberalismo e suas nefastas conseqüências, há grupos buscando diferentes formas de viver.

Concordo com a compreensão de Paludo (2001) quando esta *identifica os novos movimentos sociais Populares no Brasil como sujeitos centrais de um campo político e cultural que privilegia a democracia*, ao qual denomina *Campo Democrático e Popular (CDP)*. Identifico o MST como um desses sujeitos que busca um projeto alternativo de sociedade.

Nos estudos que focalizam o MST, aos quais tive acesso, percebi a carência de análises sobre as relações de gênero no cotidiano de assentadas e assentados. Acredito que esta pesquisa trará contribuições para um maior entendimento do cotidiano destes sujeitos, no que tange às questões de tempo, trabalho e lazer articulados às questões de gênero.

2.4 Breve Histórico do Assentamento

O Assentamento Águas Claras localiza-se no município de Viamão, Rio Grande do Sul. De acordo com um diagnóstico de realidade feito pela coordenação do Assentamento em setembro de 2002, este chamava-se Assentamento Filhos de Sepé. O nome surgiu levando em conta o histórico do Acampamento, que se localizava na regional das missões (formada por Santo Antônio, São Luiz Gonzaga e São Miguel das Missões), terra onde ocorreram grandes lutas dos povos indígenas contra a colonização europeia. Buscando um resgate da história de luta do povo indígena e uma identificação com o mesmo, foi escolhido o nome *Filhos de Sepé*. Porém, em 2002, surgiu outra proposta de nome devido à localização do Assentamento, denominada Águas Claras, e à fonte existente no lugar que leva o mesmo nome. Antes da ocupação, o Assentamento denominava-se Assentamento Viamão, e pelo Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) chama-se PA. Viamão. Atualmente seu nome é Assentamento Águas Claras.

O Assentamento conta com uma população de aproximadamente 1300 pessoas. Ele está dividido geograficamente em quatro setores: A, B, C e D. O setor A é formado por 113 famílias que vieram de vários acampamentos como Santo Antônio, Júlio de Castilhos (conhecido como Palmeirão), Viamão e por ex-funcionários da antiga fazenda que é hoje o Assentamento. Este setor localiza-se próximo à estrada o que proporciona, de acordo com os coordenadores, mais facilidade fora da lavoura. O setor B está constituído por 30 famílias oriundas dos acampamentos de Júlio de Castilhos e Santo Antônio. Está localizado próximo à

lavoura. O setor C reúne 128 famílias vindas do acampamento de Santo Antônio e está perto da lavoura e afastado do comércio. E finalizando, no setor D encontram-se 105 famílias que também vieram do acampamento de Santo Antônio. É o setor mais distante da lavoura e próximo ao comércio. Escolhi este setor para fazer minha pesquisa porque é o mais organizado desde meu ponto de vista. Também neste setor residem meus contatos iniciais e, ainda, é o setor onde está localizada uma casa destinada a ser a sede de eventos.

A área total do Assentamento é de 9.507 hectares. Dessa extensão 6.180 hectares (65% da área) correspondem à lavoura baixa; 2667 hectares (27% da área) correspondem ao meio ambiente e barragem e 760 hectares (8% da área) correspondem à moradia das assentadas e assentados.

O Assentamento Águas Claras tem como órgão responsável o Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). A área do Assentamento foi destinada para fins de reforma agrária em julho de 1998; seu proprietário a vendeu ao Governo Federal por R\$ 17.000.000,00 (dezessete milhões de reais) . É uma das áreas mais caras já compradas pelo Estado, de acordo com um diagnóstico de realidade do Assentamento, feito pela coordenação regional do Assentamento, em setembro de 2002.

De acordo com o mesmo diagnóstico, as famílias começaram a ser assentadas em dezembro de 1998. Uma quarta parte das pessoas assentadas é de origem étnica alemã e outra quarta parte italiana. Há ainda pessoas de origem polonesa, africana, indígena, cabocla, espanhola, russa e japonesa. As religiões

que existem no assentamento são: católica, luterana e pentecostal. No setor D existem três igrejas: uma católica, uma “Deus é amor” e outra “Assembléia de Deus”.

Percebi, ao longo da pesquisa, que no Assentamento a questão da religiosidade está muito presente. Como vimos na história do Movimento a cultura religiosa ajudou a constituir o MST. Mais adiante, na seção 2.6, podemos vislumbrar algumas relações desta com uma possível identidade Sem Terra.

2.5 A idéia de assentamento do MST e o Assentamento Águas Claras

Considero importante colocar que a ligação do Assentamento com o MST se dá em quase todos os aspectos e a maioria das famílias participa de alguma forma das atividades propostas pelo Movimento. A organização dos assentamentos foi pensada de uma forma genérica pelo MST, onde cada assentamento segue diretrizes do Movimento, mas vai construindo sua história. Nos parágrafos a seguir colocarei como o MST, através de uma de suas publicações, pensou os assentamentos e como o Assentamento Águas Claras está sendo constituído.

No livro *Construindo o Caminho*, publicação do MST de julho de 2000, há questões colocadas de forma pontual e direta para entender como funciona o Movimento. Na parte III, referente às linhas políticas dos setores do MST, há dois

capítulos com os quais trabalhei, comentando como a realidade pensada pelo MST se dá no Assentamento pesquisado.

De acordo com o MST, um assentamento deve combinar sete ações que devem ser pensadas ainda no acampamento. A primeira refere-se ao projeto de assentamento e à divisão de área que vai influenciar a organização do núcleo urbano e da vizinhança das famílias no resto do tempo. A segunda corresponde ao sorteio interno para saber que família fica com qual lote, quando não optam pelo trabalho coletivo, onde não há necessidade de definir lotes. Em Águas Claras, o sorteio foi feito em setembro de 1998 e as famílias começaram a ser assentadas em dezembro do mesmo ano.

Outra etapa é sobre a posse da terra e o processo de titulação. Os agricultores acreditam que deve ser discutida com o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) a necessidade de estabelecer um processo de titulação que resulte no *Título de Concessão Real do Uso da Terra*. Sobre este item destaco a importância que o Movimento está dando a que, no processo de titulação, desde o início deva constar o nome da mulher e do homem, quando se tratar de casais. No Assentamento pesquisado o lote leva o nome de mulheres e homens. A maioria dos titulares dos lotes é homens, em torno de setenta e cinco por cento, enquanto apenas quinze por cento dos lotes têm mulheres como titulares. O Movimento, principalmente através do setor de gênero, está dando importância a que as mulheres tenham a titulação do lote.

A quarta ação que deve ocorrer no assentamento, de acordo com o MST, é a organização da moradia. As formas mais comuns de organização são o núcleo de moradia, o núcleo habitacional e a agrovila. O Assentamento está dividido em quadras onde se formam as linho-vilas; essa forma de organização estabeleceu-se de acordo com a realidade do lugar. Apenas 25 das 105 famílias do setor D organizaram suas casas em uma agrovila. No centro desta existe um espaço comum onde se realizam as atividades festivas, culturais e o esporte. Todas as assentadas e assentados possuem suas casas, 80% delas são de alvenaria e 20% de madeira. Todas as famílias possuem luz elétrica e água encanada. A maioria possui esgoto em sumidouros ou a céu aberto; são poucas as famílias que têm esgoto tratado.

A quinta ação corresponde à organização dos grupos de base, que escolherão um coordenador e uma coordenadora em igualdade de condições. É importante manter sempre os cursos de capacitação de coordenadores. As instâncias de poder existentes no Assentamento são os núcleos, os setores e a coordenação. Os núcleos são grupos de famílias que se articulam pela proximidade para discutir a realidade do assentamento. É a partir dos núcleos que os setores se formam. Cada núcleo é composto por um número de cinco a doze famílias. Os núcleos são coordenados por mulheres e homens assentados. O papel da coordenação do assentamento atualmente desenvolvido é de articular e organizar as famílias, discutir e encaminhar saídas para os problemas que vão surgindo e pensar formas de melhorar o assentamento.

Em algumas observações feitas na primeira etapa de pesquisa percebi que, embora haja um trabalho por parte dos coordenadores e coordenadoras e do núcleo de gênero, ainda o público participante de reuniões é, na sua maioria, masculino. Na primeira reunião oficial com a coordenação, na qual fui convidada a participar e explicar minhas visitas ao Assentamento, contei que eram doze homens e cinco mulheres. Uma delas era do núcleo de gênero e a outra estava coordenando a reunião. Uma até brincou quando as mulheres foram chegando e sentando uma ao lado da outra: [...] *como fica a questão de gênero se a mulherada vai se amontoando tudo no mesmo canto?* (fala de assentada).

Um sexto item é a organização da produção, criando um plano de produção que leve em conta fatores como o mercado local, as condições do solo, a disponibilidade da água, a combinação das necessidades básicas das famílias assentadas e, finalmente, *criar o esforço em cada pessoa do “pensar coletivamente o assentamento”*. Esta ação ainda incluiu a assistência técnica, o controle de crédito e a produção dentro de princípios agroecológicos.

O sétimo item aponta para a necessidade de um método de acompanhamento e qualificação de consciência que deve ser pensada nos níveis de massa e de lideranças e militantes. Outros elementos complementares de grande importância são os serviços de transporte interno, a escola, a infraestrutura social, a religiosidade, a cooperação agrícola em nível superior, o embelezamento do assentamento com símbolos de luta, a motivação ideológica, as manifestações artísticas e culturais, os hábitos de saúde, as lutas de massa, entre outros.

No livro *Pra mim foi uma escola*, Bonamigo (2002) traz importante estudo sobre o princípio educativo do trabalho cooperativo. O autor pesquisou o trabalho cooperativo desenvolvido na Cooperativa de Produção Agropecuária Cascata Ltda - Cooptar -, no município de Pontão - RS. Ela está dentro do Setor de Produção do MST. Essa pesquisa aponta o processo educativo e as contradições que há quando agricultores e agricultoras saem do isolamento e buscam trabalhar em cooperativa. Nesta obra o autor apresenta uma compreensão de Educação que vai além da escola. No capítulo 3, seção 3.1, construo a minha compreensão do educativo nas relações de gênero, que extrapola os limites de educativo como transmissão de conhecimentos através da escola. A questão que guia esta pesquisa é, portanto, saber como a relação conflitante entre os gêneros pode funcionar como princípio educativo, nos âmbitos do uso do tempo de trabalho e lazer. Essa questão será retomada adiante.

Nesta pesquisa procurei saber se as pessoas assentadas continuavam envolvidas com as atividades propostas pelo MST. Uma das perguntas às famílias entrevistadas era se a pessoa participava das reuniões do Movimento. Reunindo as respostas em quatro categorias, cheguei ao gráfico 1.



Figura 1: Participação nas reuniões
Fonte: dados coletados

A maioria das famílias participa das reuniões. Se a própria pessoa entrevistada não vai às reuniões, um familiar vai. Apenas 10 famílias disseram que não vão às reuniões. Percebemos aqui que é necessário um questionamento maior dos motivos pelos quais elas não vão às reuniões. Deixo essa questão em aberto porque, embora importante, não é minha preocupação neste estudo. Se compararmos este gráfico com o que mostra as atividades que as pessoas realizam em seu tempo livre, percebemos que naquele apenas duas famílias colocaram que costumam ir a reuniões do assentamento no seu tempo livre. No entanto, neste gráfico, aparece que 18 famílias vão às reuniões, pelo menos às vezes. Essa disparidade nos resultados é interpretada por mim da seguinte maneira: a maioria das pessoas não percebe a participação nas reuniões como

uma atividade que realizam no tempo livre. Seria visto então como uma obrigação, um trabalho?

Outro fato que vale a pena resgatar foi o evento da *Jornada da Reforma Agrária* ocorrido na sede do Assentamento, no período de 30 de agosto a 01 de setembro (2002). O evento teve como objetivo discutir a organicidade do Movimento, questões do próprio assentamento, discussão e plebiscito contra a ALCA (Área de Livre Comércio das Américas). O convite foi feito a todas as pessoas assentadas. No segundo dia houve o reforço do convite às famílias e para isso foram formadas equipes de duas a três pessoas. Um critério estabelecido para a formação destas foi tentar deixar um homem e uma mulher em cada grupo. Além das pessoas do próprio Assentamento havia convidados de outros assentamentos que acompanhariam as equipes. Eu também fui convidada a acompanhar uma equipe de dois rapazes estudantes do curso técnico de cooperativas. Na visita às casas as pessoas falavam das dificuldades de ir à lavoura, que está localizada a 11 km de onde moram. Alguns tinham luz elétrica e outros não. As pessoas foram visitadas pela manhã e estavam envolvidas em suas atividades domésticas, como cozinhar e arrumar a casa. Notei que as mulheres continuavam cozinhando ou arrumando a casa enquanto conversavam conosco. Já, quando visitamos dois casais com filhos, o homem sentava para conversar e a mulher seguia seu trabalho interferindo algumas vezes com complementos dos relatos ou coisas que se relacionavam com o que se estava conversando.

Durante a jornada, participaram aproximadamente 1/3 das famílias convidadas. Algumas pessoas disseram que não poderiam ir por motivo de trabalho ou doença. Outras porque estavam cansadas e precisavam descansar. Outras, ainda, preferiram ficar em casa com as crianças porque durante dois dos dias da Jornada chovia. Essas são algumas das dificuldades que surgem durante o trabalho educativo realizado pelo MST para manutenção da consciência dos que já receberam a terra, embora ainda necessitem lutar por outras bandeiras.

Na Jornada, como em outros eventos do MST a que assisti, houve muita preocupação com a mística. Percebi como é importante para o Movimento manter presente sua história.

Em outra reunião, ainda na primeira etapa de pesquisa, antes da qualificação do projeto, notei que três homens estavam acompanhados de seus filhos. Isso me chamou a atenção e provavelmente assisti momentos em que várias mulheres estavam com crianças, mas isso não causava estranhamento. O setor de gênero incentiva a que o cuidado com as crianças seja feito por todos e todas. Concluí, naquele momento, que essa proposta estava começando a ser cumprida pelo que pude observar. Mas ainda havia muitos obstáculos a fim de que a exigência de um número a preencher fosse substituída pela participação efetiva das mulheres em todas as instâncias organizativas do MST. No entanto, quando fui a campo entrevistar as famílias, encontrei uma realidade diferente. O cuidado das crianças é feito na grande maioria pelas mães ou por mulheres da família. Esses resultados estão melhor especificados na seção 3.5 denominada *Tempo de agricultoras e agricultores*.

2.6 Identidade Sem Terra

Minha intenção nesta seção é trazer alguns dados que creio relevantes para entender, situar socialmente o Movimento e pensar como estaria constituindo-se uma possível identidade Sem Terra. Embora não trabalhe dentro desse paradigma, considero válido e importante o conceito de identidade, trabalhado por autoras e autores dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais que se identificam com o pós-estruturalismo.

Morissawa (2001), falando da organização, apresenta o Movimento como estando dividido em vários setores que cumprem diferentes funções. Entre eles encontram-se: Frente de Massa; Formação; Educação; Produção; Assentados; Finanças; Projetos; Comunicação; Relações Internacionais, Gênero, Direitos Humanos. Não vou explicar a função de cada setor, mas apontar características de alguns setores que penso sejam importantes na formação de uma suposta identidade Sem Terra. Sobre a função do setor Frente de Massa afirma que

“faz a travessia das pessoas de fora para dentro do MST”⁴No desenvolvimento desse processo de luta popular, elas vão construindo consciência e a identidade com a luta e com o Movimento, ou seja, vão se constituindo como **sem-terra**.⁵ (Morissawa,2001,205)

Podemos começar perguntando o que seria essa identidade?

⁴ Aspas da autora.

⁵ Destaque da autora

Antes de avançar nessa questão quero trazer a discussão feita por Caldart (2000) sobre o uso dos termos sem-terra e Sem Terra. A autora faz uma diferenciação do uso do primeiro como sendo o vocábulo criado na língua portuguesa, a partir da luta pela terra e a atuação do MST. Para ela, isso acabou *indicando uma designação social para esta condição de ausência de propriedade ou de posse da terra de trabalho, e projetando, então, uma identidade coletiva.* Porém, afirma que o MST nunca usou em seu nome o hífen nem o s, *o que acabou produzindo um nome próprio: Sem Terra.* A opção feita pela autora, no que se refere ao uso dos vocábulos, é: quando estiver se referindo *ao nome do sujeito constituído pelas lutas do MST, usar a expressão Sem Terra e, no texto geral, usar a opção dos dicionários de edição mais recente.* Nesta pesquisa usarei a expressão Sem Terra, identificando-me com a compreensão de Caldart.

O processo de formação de identidade, principalmente em se tratando de uma identidade coletiva como Sem Terra, é um processo lento, cheio de contradições, que apresenta avanços e recuos, e são diversos os fatores que influenciam na sua constituição. Pensaremos primeiramente em algumas discussões acerca do conceito Identidade para tentar chegar a uma possível identidade Sem Terra.

Woodward (2000) faz uma série de afirmações sobre identidade que trarei para este texto. Coloca que a identidade é relacional, está vinculada a condições sociais e materiais, é tanto simbólica quanto social, envolve sistemas classificatórios, não é unificada. Ainda diz que, nesse processo, algumas diferenças são marcadas e outras podem ser obscurecidas. Tomando essas

referências posso pensar primeiramente nos Sem Terra em relação a outros grupos. Esta primeira classificação excluiu pessoas proprietárias de terra, seja um pequeno terreno ou um grande latifúndio, mas é claro que isso não basta para a definição. Essa identidade está vinculada a condições sociais e materiais de existência. Antes de avançar nessa questão gostaria de afirmar minha concordância com Ribeiro (1999), quando ela diferencia movimentos sociais populares como o MST, de outros movimentos sociais, sendo os *movimentos sociais populares aqueles que, mesmo mobilizados por situações de discriminação e opressão, têm como eixo básico as relações de exploração*. Acredito que classe social seja um marcador social fundamental na formação de uma possível identidade Sem Terra.

Levando em conta o pequeno histórico do Movimento citado anteriormente é possível começar a entender a formação do MST. A reivindicação fundamental, ao meu ver, tem o forte componente da luta de classes, já que se trata de reforma agrária. Mas não é apenas isso. O principal para os integrantes do Movimento era *a terra para trabalhar nela e viver dela*. Conforme o MST vai amadurecendo, percebe que não basta conseguir a terra e assentar-se, é necessário uma transformação da sociedade que incluiu necessariamente uma transformação na subjetividade de cada Sem Terra.

Creio enriquecedor resgatar as observações de Caldart (2000) acerca da participação do MST como sujeito político, já que, no contexto da luta de classes presente em nossa sociedade, o Movimento consegue, através de sua luta constante, inclusão das suas questões na agenda política da sociedade. Mas,

concordando com a autora, devemos *pensar nesse sujeito, no singular, como constituído de diversos sujeitos, no plural*. Aqui começamos a perceber o valor educativo presente dentro do Movimento. Essa formação que vai acontecendo no cotidiano de homens e mulheres do MST é um processo complexo que envolve a formação de diversas identidades. Caldart afirma: *há **identidades diversas**⁶ que se combinam dentro desta identidade social mais ampla*.

Acredito que aqui ocorre um movimento para que o MST caminhe em direção a uma identidade Sem Terra⁷. Para isso, preocupou-se e preocupa-se com a formação dos setores anteriormente citados. O setor de Educação, por exemplo, reivindica uma pedagogia própria do MST, e ainda, deseja que as/os professoras/os das/dos Sem Terrinha (as crianças filhas de assentadas/os) sejam do Movimento. Tratando sobre as pedagogias do MST, Caldart (2000) diz:

Do entrelaçamento das vivências coletivas, que envolvem e se produzem desde cada família, cada grupo, cada pessoa, com o caráter histórico da luta social que representam, se forma então a *coletividade Sem Terra*, como uma identidade que não se enxerga olhando para cada pessoa, família ou grupo de sem-terra em si mesmos, mas que *se sente e se vive* participando das ações ou do cotidiano do MST. (Caldart, 2000, p. 205)

De acordo com Morissawa (2002), o Movimento foi construindo entre 1985 e 1990 instâncias de representação, que se tornaram os espaços políticos onde se

⁶ Destaque da autora.

⁷ Não pensar que essa Identidade é fixa e imutável porque a realidade está sempre em movimento, a conjuntura vai mudando e tudo isso repercute numa possível identidade Sem Terra.

analisam as conjunturas e se traçam as linhas políticas gerais de atuação. Isto acontece nos encontros estaduais e nacionais.

Outra organização importante dentro do Movimento é a mística. De acordo com a autora, *no contexto dos sem-terra, é um ato cultural em que suas lutas e esperanças são representadas*. Mostra como a cruz simbolizava a fé cristã que unia os sem-terra num momento crucial de sua luta. Percebo aqui um componente religioso que vai se articulando na formação de uma identidade. Meyer (2000), analisando a articulação de gênero com raça, religião, nacionalidade e classe social na representação acerca da cultura teuto-brasileiro-evangélica, mostra como em alguns momentos houve um escamoteamento da classe social e um pressuposto de unidade étnico racial. A marcação de algumas diferenças e obscurecimento de outras na constituição da identidade é um processo bastante freqüente. Aqui poderia questionar-se até que ponto a cruz representando a fé cristã é um elemento de unidade dentro de uma suposta identidade Sem Terra? Lembremos que, dentro do Assentamento pesquisado, existem igrejas de várias religiões. É muito comum ver nesse Assentamento cultos ecumênicos antes de um evento.

Caldart (2000) apontando a religiosidade e a raiz camponesa presentes na formação do MST afirma que :

...é preciso chamar a atenção também para outros dois nexos importantes. O primeiro diz respeito às matrizes culturais que estão na gênese do MST e que são principalmente duas: a camponesa e a religiosa. O MST é um movimento que tem sua raiz nas lutas do campesinato brasileiro, e que foi gestado com a participação da Igreja, especialmente daquela presente na atuação da Comissão Pastoral da Terra - CPT. Não é possível compreender a força dos gestos e dos símbolos que compõem a

identidade Sem Terra hoje, sem relacioná-los com o significado destas formas de expressão nas culturas camponesas e nas culturas religiosas, aliás bastante interligadas no contexto social que aqui se trata.[...]Da mesma forma, a cultura religiosa que ajudou a constituir o MST não é necessariamente a mesma que está na tradição camponesa de cada um dos seus integrantes.(CALDART, 2000, p. 32-33).

Não tenho intenção de negar que esteja constituindo-se uma identidade Sem Terra, mas sim apontar que ela não é fixa, permanente, e sim situada em um lugar e em determinada época, impregnada de contradições e atravessada por diversos marcadores sociais. Para avançar um pouco na tentativa de entendimento da construção de uma identidade Sem Terra, trago mais algumas informações do Movimento.

Sobre a escola o MST sugere aos assentados a discussão de algumas idéias básicas: organizar a alfabetização de jovens e adultos; a localização da escola deve ser no próprio assentamento; garantir um professor que siga a pedagogia do movimento e pertença ao mesmo; organizar a ciranda infantil⁸; garantir a equipe de educação e organizar a biblioteca. Creio que seja importante ressaltar que o MST desenvolveu uma escola com pedagogia própria e há alguns estudos específicos como o já citado de Caldart (2001).

As primeiras ações descritas mostram a preocupação do MST com a organização dos recursos de trabalho e moradia. Nas últimas ações percebo um cuidado para além das necessidades materiais imediatas, que associo com um processo de interpelação dos sujeitos do Movimento. Quando digo interpelação refiro-me ao conceito de Althusser, citado por Woodward (2000), *para explicar a*

*forma pela qual os sujeitos- ao se reconhecerem como tais: “sim, esse sou eu” – são recrutados para ocupar posições-de-sujeitos. Ainda nessa linha, a autora afirma que os fatores materiais não explicam totalmente o investimento que os sujeitos fazem em posições de identidade e, de acordo com Althusser apud Woodward (2000), seriam recrutados e produzidos não apenas no nível do consciente, mas também no nível **inconsciente**⁹.*

Ainda presentes nas ações anteriormente referidas identifico uma questão importante: a representação. Na quarta ação coloca-se a importância da escolha de um coordenador e uma coordenadora em igualdade de condições, e, mais adiante, fala-se da discussão de gênero, que acabou substituindo a designação grupo de mulheres, dentro do MST. Aparece a preocupação de *estabelecer novas relações de poder e não apenas número de mulheres no poder.*

O MST inicialmente procurou organizar grupos de mulheres para que elas pudessem se expressar, ampliar sua visão de mundo e se preparar para participar da organização. Porém, com o avanço nas discussões começou a falar-se em relações de gênero e foram criados núcleos de gênero para continuar essa discussão.

Trazendo esse histórico do MST percebo que, além de classe social, outros marcadores vão se articulando na constituição de uma identidade Sem Terra. A necessidade de criar um núcleo de gênero surgiu à medida que o Movimento foi amadurecendo. Há um forte investimento na mística. Em cada evento, mesmo

⁸ Corresponde ao que a legislação (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional –LDB 9.394/96) identifica como educação infantil, que vai de 0 a 6 anos.

numa pequena reunião de assentados para discutir o cotidiano do assentamento¹⁰, sempre é trazido algum símbolo como a bandeira, a cruz, uma foice, retratos, músicas, poemas. Em manifestações públicas em que o Movimento esteja envolvido não faltam bonés vermelhos, bandeiras, camisetas e todos os símbolos anteriormente citados. O MST marca presença, busca representar-se através de diversos símbolos e procura (ocupar ? formar? constituir?), ao meu ver, uma Identidade Sem Terra. Isso me lembra o texto de Louro (1999), quando esta autora afirma que *os discursos traduzem-se, fundamentalmente, em hierarquias que são atribuídas aos sujeitos e que são, muitas vezes, assumidas pelos próprios sujeitos.*

É importante lembrar que, de uma maneira geral, a Mídia é controlada pelas classes dominantes e veicula discursos com o objetivo de desmoralizar o MST. Há um esforço de nomear o Movimento como algo a ser combatido. Baseada em um texto sobre alteridade de Skliar (2000) pergunto, sem a pretensão de responder, mas com a intenção de levantar discussões acerca desse assunto, se essa nomeação negativa do Movimento poderia se encaixar com o que o autor chama de *o Outro como fonte de todo mal ?*

Gostaria ainda, inspirada numa citação de Felipe (1999) sobre a música como produção cultural, de levantar um último ponto que creio importante na constituição de uma Identidade Sem Terra, no que se refere às músicas e outros textos culturais do Movimento. A autora afirma que

⁹ Destaque da autora.

¹⁰ É o que venho observando na minha pesquisa de campo, realizada no Assentamento Águas Claras, localizado no município de Viamão, RS.

A despeito da beleza e encantamento que certas melodias trazem, é preciso considerar que as músicas expressam concepções de mundo, de uma época, de uma determinada cultura. Elas evidenciam formas de se relacionar e de representar homens e mulheres...Elas sempre ensinam alguma coisa. Não só as músicas, mas vários outros textos culturais nos mostram como devemos ser ou como devemos nos comportar para sermos aceitas. (Felipe,1999)

Trago duas músicas retiradas de uma página da internet, do CD do MST, para analisar o que essas músicas nos ensinam, quais são as concepções de mundo que estão presentes em suas letras.

Assim já ninguém chora mais (Zé Pinto)

Sabemos que o capitalista
diz não ser preciso
ter Reforma Agrária
Seu projeto traz miséria
Milhões de sem terra
jogados na estrada
com medo de ir pra cidade
enfrentar favela
fome e desemprego
Saída nessa situação
é segurar as mão
de outros companheiros.

E assim já ninguém
chora mais
ninguém tira o pão
de ninguém
O chão onde pisava o boi
é feijão e arroz,
capim já não convém.

Compadre junto ao Movimento
Convide a comadre
e a criança
Porque a terra só pertence
a quem traz nas mãos
os calos da enxada
Se somos contra o latifúndio
da Mãe Natureza
Somos aliados
E viva a vitória no chão
Sem a concentração

500 anos de resistência índia, negra, popular (Zé Pinto)

A invasão chegou de barco nesta América
Latina
Veio da Europa este plano de chacina
Vinham em nome da civilização
Empunhando a espada e uma cruz na outra
mão (bis)
Nos pelourinhos da morte tanto sangue
derramado
Pra mão-de-obra barata índio e negro
escravizados
São três histórias neste grande continente
Uma bem antes dos invasores chegarem
E a segunda cinco séculos de invasão
E a resistência índia-negra e popular
E a terceira é a que vamos construindo
Pra destruir a raiz de todo mal
E a nova etapa vai trilhando por aqui
Quinhentos anos Campanha Continental

Esta história de dois mundos pelo mundo se
espalhou
Com uma visão colonialista não mostraram
nossa dor
Mas reacende um grito de resistência
Seguindo exemplos dos verdadeiros heróis
O grito negro de Zumbi vem dos Palmares
Marçal
Proaño e tantos ergueram a voz
Estão presentes em nossa organização
Pra ter mais força é preciso unificar
Marchando firme contra toda escravidão

dos latifundiários.

E o farol de Colombo vai se apagar.

Seguimos ocupando terra
derrubando cercas
conquistando o chão
Que chore o latifundiário
pra sorrir os filhos
de quem colhe o pão
E a luta por Reforma Agrária
a gente até pára
se tiver, enfim
coragem a burguesia agrária
de ensinar seus filhos
a comer capim.

A música *Assim já ninguém chora mais* apresenta a idéia da luta de classes em sua constituição. Identifica a oposição à reforma agrária e suas conseqüências do latifúndio, como fome e desemprego. A música “ensina” que os agricultores e agricultoras devem se unir para lutar por reforma agrária. Percebemos que há um chamamento ao *compadre*, à *comadre* e à *criançada*, evidenciando a questão de gênero e a participação das crianças na luta do Movimento.

Na música *500 anos de resistência índia, negra, popular* há uma preocupação em contar a história do Brasil, apontando a resistência dos povos indígenas e africanos que foram escravizados. O autor identifica a luta do MST como uma nova etapa da história, reconhecendo as resistências anteriores como exemplos a serem seguidos. Há, como na música anterior, um apelo à união para formar resistência e lutar contra as formas de opressão que se apresentam na sociedade.

Penso que seja interessante analisar produções musicais mais recentes do Movimento para comparar se há realmente um cuidado em produzir textos culturais que digam como deve ser e como deve agir uma/um agricultora/agricultor

Sem Terra. Mas, pela limitação do tempo de mestrado, essas questões terão que ser pensadas em outro momento.

3 ARTICULAÇÕES ENTRE GÊNERO, TRABALHO, TEMPO E LAZER

3.1 Tentando entender o trabalho em nossa sociedade

Estamos iniciando um novo milênio mas a sociedade brasileira continua quase tão injusta como quando começou há 500 anos. Coloco esses anos não por esquecer, desconhecer ou menosprezar que muito antes dessa data já existiam pessoas morando aqui, índios que foram massacrados com a chegada dos europeus, principalmente portugueses. Mas foi com a chegada deles que a sociedade brasileira foi-se constituindo com seus comércios, indústrias, acúmulo de riquezas, tomada da terra por uns poucos, exploração do ser humano pelo ser humano, enfim, a sociedade capitalista na qual vivemos. (Ribeiro,1995; Alencar e outros, 1996).

No texto *O exílio do povo: alienação da história*, Antônio Houaiss e Roberto Amaral (1995) fazem alguns resgates interessantes da história que contribuem para entender melhor como a cidadania vem-se constituindo em nosso país. De acordo com o texto, estima-se que, por volta de 1819, o Brasil tinha algo como 1,3 milhões de brancos livres e 3,9 milhões de negros e mulatos cativos. Era a sociedade do latifúndio, da monocultura e do escravismo, com uma economia voltada à exportação. Os grandes proprietários de terra não cuidavam de produzir alimentos, até porque não havia, de acordo com a visão das classes dominantes,

uma “massa” com direito à alimentação. Toda a produção agrícola e extrativista estava destinada a atender o mercado externo (Ribeiro,1995).

Hoje temos milhares de pessoas morrendo de fome sendo o Brasil exportador de alimentos. Infelizmente, ainda há grandes taxas de analfabetismo e discriminação racial, apesar de "disfarçada". A “cultura reconhecida” se impõe, ou melhor, é imposta em relação àquelas culturas “exóticas”, “selvagens”, “diferentes”. Tudo o que for o “não branco, de origem diversa da europeia” será considerado o “*outro*” que até pode ser reconhecido e respeitado, mas é o *outro* que não faz parte da cultura reconhecida, como se índios e negros não tivessem participado da constituição do nosso país¹¹. Hoje a classe dominante ainda é constituída pelos descendentes de europeus, com sua “cultura branca”, que domina as classes subalternas e suas diversas “culturas subalternas”, se é possível usar esta expressão.

Como bem lembra Sader (1999), nas últimas duas décadas do século XX, a industrialização perdeu fôlego, a crise agrária acelerou a migração massiva para as cidades, o país passou a depender de capitais financeiros. O *Estado passou de agente do desenvolvimento e da garantia de direitos à instituição falida e expropriada de direitos.*

Os trabalhadores passaram de uma *cidadania regulada* (Santos,1987) a uma ampliação dos direitos da cidadania na Constituição Federal de 1988, por isso mesmo chamada a “Constituição Cidadã”. Entretanto, o neoliberalismo,

¹¹ Para informação mais detalhada ver Antonio Houaiss e Roberto Amaral (1995) e Sader (1999).

iniciado no governo Collor de Mello e aplicado à risca no governo Fernando Henrique Cardoso, associado ao desemprego estrutural e tecnológico, reduziu as condições materiais de acesso à cidadania pela desregulamentação dos direitos sociais e flexibilização das relações de trabalho, que têm resultado na precarização das condições de trabalho.

No que diz respeito à cidadania coletiva, é importante lembrar o surgimento de diversos movimentos sociais com a intenção de lutar por direitos com mais força na sociedade. Há movimentos de mulheres, de índios, de negros, de sem-teto, de sem-terra e muitos outros. Aqui está situado o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), sujeito social desta pesquisa.

O resgate histórico das condições nas quais se instituiu o Estado do Bem-Estar social europeu e uma análise dos sentidos que a legislação de proteção ao trabalho assumiu na organização das relações de trabalho, no Brasil, apesar dos limites dessa legislação, nos permitem perceber que a conquista de direitos sociais, caracterizadas como ampliação das condições de exercício da cidadania, resultaram da força dos movimentos sociais organizados. Não há garantias de que essas conquistas possam ser mantidas quando os movimentos sociais perdem sua força, como agora, em virtude dos altos índices de desemprego. E mesmo a inscrição dos direitos na legislação do Estado mostra que tais direitos são concebidos e aplicados dentro de uma lógica individualista e competitiva, que fragmenta e dificulta a organização dos trabalhadores. *A cidadania pode até ser introduzida no discurso, mas não chega a constituir-se em prática porque na própria noção de cidadania não cabem a solidariedade, a cooperação, a*

emancipação que marcam as lutas protagonizadas pelos movimentos sociais populares (Ribeiro, 2001, p. 22).

Trago para esta discussão o manifesto de um autor que viveu entre o final do século XIX e início do século XX, mas sua discussão continua muito atual. O *direito à preguiça*, de Paul Lafargue (2003), traz contundentes críticas, feitas de modo irônico, ao que o autor chama de *dogma ou religião do trabalho*. Preocupado com o sobre-trabalho¹² e o desemprego, afirma:

Se as crises industriais se seguem aos períodos de sobre-trabalho tão fatalmente como a noite se segue ao dia, arrastando atrás de si o desemprego forçado e a miséria sem saída, também levam a falência inexorável. (Lafargue, 2003, 39)

Ao sobretrabalho prejudicial para o organismo sucede-se o repouso absoluto durante dois ou quatro meses; e, não havendo trabalho, não há a ração diária. (Lafargue, 2003, 59)

O autor faz muitas críticas à sujeição do ser humano a uma *religião do trabalho* e aponta como solução aos problemas sociais uma luta pelo direito à preguiça. Essa discussão será retomada na seção referente a trabalho e tempo.

No Brasil atual, o número de desempregados vêm aumentando diariamente, formando um exército industrial de reserva¹³ que não poderá entrar

¹² No livro aparece sobre-trabalho e sobretrabalho sem distinção.

¹³ Para mais informação ver Marx (1976).

no mercado formal de empregos, contribuindo para o enfraquecimento dos sindicatos, a redução dos salários e a perda dos direitos sociais. O trabalho está sofrendo grandes transformações. Autores como André Gorz (1982,1997), Claus Offe (1989), De Masi (1999), entre outros, têm falado no “fim do trabalho” ou “fim da sociedade do trabalho”. Para eles as máquinas e as novas formas de organização da produção estão fazendo com que o trabalho esteja perdendo sua centralidade e sua função social. Não vou estender-me muito sobre estas questões por elas já terem sido bastante trabalhadas¹⁴. Apenas gostaria de concordar com Ribeiro e outros(2001), quando afirmam que *o que pensamos estar em vias de perder a centralidade é o trabalho fabril assalariado, que, com o desemprego estrutural e tecnológico, dá espaço ao surgimento de novas modalidades de trabalho social*. O trabalho não deve tornar-se uma atividade alienada/alienante, nem perder seu valor como princípio educativo, como formador de seres humanos.

Entendendo a educação como algo mais amplo que a educação formal oferecida pela escola, cito Arroyo (1999) quando afirma que a fábrica e a escola não são as únicas instâncias sociabilizadoras e educativas. Diz ele:

Insisto que o tema, as relações da escola e as relações sociais na produção e a formação do trabalhador, continua fecundo para as pesquisas e análises educativas: entretanto ele ficará enriquecido se incorporarmos estudos sobre o peso de outros tempos e vivências sociais e culturais, sobre a socialização na família, na cidade, na rua, nos espaços de lazer e cultura, nos movimentos sociais, nos partidos e sindicatos, nas experiências juvenis, etc; nos espaços múltiplos, instituídos, legitimados ou invadidos e ocupados, em que reproduzimos nossa existência em cada ciclo de nossa vida social e cultural. (Arroyo, 1999, p.34).

¹⁴ Para mais informações ver Antunes (2000); Bonamigo (2001); Ribeiro (2001).

O artigo 1º da Lei de Diretrizes e Bases da Educação coloca que a *educação abrange todos os processos educativos que têm lugar na sociedade, nas diversas atividades em que se produzem as condições da existência humana, especialmente no trabalho produtivo.* Ribeiro (2000) traz importantes contribuições ao analisar os conflitantes projetos que antecederam a implantação da LDB. Afirma ela:

O **trabalho como princípio educativo**¹⁵, que sustenta a proposta gramsciana de escola unitária, está bem presente no Artigo acima formulado que, ao transformar-se em Projeto de Lei, é consideravelmente amputado, conforme se pode constatar ao comparar as duas propostas. Em relação às legislações educacionais anteriores, este Projeto (Substitutivo Cid Sabóia) se enriqueceu ao ampliar a concepção de educação como fenômeno social. Mas, ao não reconhecer o caráter pedagógico do trabalho produtivo e da prática social, e, ao definir-se pela **educação escolar**, rejeitou **a escola unitária básica para todos os cidadãos, tendo o trabalho como princípio educativo**, que fundamentava a proposta elaborada pelas entidades organizadoras no Fórum Nacional de Defesa da Escola Pública, onde a educação brasileira foi amplamente debatida. (Ribeiro, 2000, p.191)

Trago essas informações para meu projeto para mostrar a abrangência do conceito de educação, não ficando limitado apenas à educação escolar. Caldart (2000), estudando o Movimento Social como Sujeito Pedagógico, resgata a dimensão educativa do trabalho trazido por vários autores. Entre eles destaca o trabalho industrial como princípio educativo analisado por Gramsci e apoiada nesses estudos chega a uma importante definição que vou adotar nesta investigação:

¹⁵ Os destaques em negrito desta citação indicam grifo da autora.

Se o trabalho é educativo, então é possível pensar que o sujeito educativo ou a figura do educador não precisa ser necessariamente uma pessoa, e muito menos necessariamente estar na escola ou em outra instituição que tenha finalidades educativas. Uma fábrica também pode ser olhada como sujeito educativo (Kuenzer, 1985); da mesma forma um sindicato ou um partido (Gramsci), as relações sociais de produção, um movimento social. (Caldart, 2000, p. 202)

Essas questões se fizeram presentes na pesquisa durante todos os eventos do MST em que pude participar e observar. Na já citada *Jornada pela Reforma Agrária* as pessoas iam se envolvendo no trabalho e discutindo os problemas e soluções para seus problemas cotidianos. As crianças participavam das reuniões. Aqui levanto o problema de pesquisa que penso seja o móvel de organização da temporalidade das pessoas assentadas: ***Como a relação conflitante entre os gêneros pode funcionar como princípio educativo, enquanto constituinte de novos sujeitos sociais, homens e mulheres agricultores, nos âmbitos do uso do tempo de trabalho e de lazer do setor D do Assentamento Águas Claras?***

Penso que estas relações ocupam grande centralidade no processo de formação humana e ao estudá-las fora de um espaço escolar procurei, nas observações e nas entrevistas dos sujeitos, a intencionalidade de torná-las educativas no cotidiano, transformando as práticas dos jovens e adultos.

3.2 Gênero e trabalho

No artigo *A situação da mulher latino-americana*, Abramo (2000) traz dados importantes sobre questões de trabalho e mulheres na América Latina. Entre 1960 e 1990 o número de mulheres economicamente ativas triplicou (de 18 para 57 milhões) enquanto o de homens não chegou a duplicar (de 80 para 147 milhões). A taxa de participação feminina na População Economicamente Ativa (PEA) aumentou de 18,1 % para 27,2%, enquanto a masculina diminuiu de 77,5% para 70,3%. Também coloca que a participação de mulheres no meio urbano continua sendo muito superior àquela no meio rural, apesar dela ter sido superior à urbana em vários países (Bolívia, Costa Rica, Nicarágua, Paraguai, Uruguai).

Esse fenômeno pode ser explicado pela diminuição do peso do setor agrícola e da produção para o autoconsumo, e pelo aumento de serviços e do emprego assalariado nas áreas rurais. A maior parte dos empregos femininos continua concentrada em alguns setores de atividades e acumulada em um pequeno grupo de profissões. Tais segmentações continuam estando na base das desigualdades existentes entre homens e mulheres no mercado de trabalho, incluindo as salariais. Aumenta o número de horas que as mulheres dedicam ao trabalho remunerado.

A inserção de homens e mulheres no mundo do trabalho é fortemente influenciada pelas relações de gênero. *Entende-se por imagens de gênero configurações das identidades masculina e feminina, produzidas social e culturalmente*, que determinam, em grande parte, as oportunidades e a *forma de inserção de homens e mulheres no mundo do trabalho* (Abramo, 2000). Destaca-se no artigo que essas imagens de gênero estão na base da formulação de

políticas de recursos humanos das empresas, no sentido que influenciam bastante o grau e a natureza do investimento que os empresários estão dispostos a fazer em seu pessoal (homens e mulheres). No que se refere às mulheres trabalhadoras, o problema é que essas imagens estão marcadas por mitos e preconceitos. As mulheres são associadas a altas taxas de absenteísmo e à interrupção do trabalho devido à licença maternidade. *Elas são associadas basicamente a seu papel de reprodutoras (no âmbito privado e doméstico) que se superpõe à imagem de trabalhadoras.* Esse mito do absenteísmo feminino tem uma funcionalidade quando se trata de explicar as diferenças salariais entre homens e mulheres.

Uma autora que traz uma contribuição crítica sobre a exploração do trabalho feminino é Carole Pateman, no livro *O Contrato Sexual* (1993). Nesse, a autora aponta como os teóricos do contrato social deixaram de fora de suas análises o contrato sexual, que seria, de acordo com Pateman, o patriarcado moderno e a dominação dos homens sobre as mulheres. Mais adiante descreve a argumentação de Heidi Hartmann sobre como *há uma “parceria” na qual “a base material em que o patriarcado se apoia consiste fundamentalmente no controle da capacidade de trabalho das mulheres pelos homens”* (Ibidem).

Pateman critica comparações de exploração entre esposa e trabalhador por perceber diferenças entre o contrato de casamento e o contrato de trabalho. Afirma ela que *o contrato de casamento é um contrato de trabalho num sentido muito diferente do contrato empregatício. O contrato de casamento diz respeito ao trabalho feminino; o contrato empregatício diz respeito ao trabalho masculino.* (Op.

cit. p. 202). Considero interessante a contribuição da autora, que, assim como outras e outros, mostra como as mulheres que trabalham fora de casa acabam realizando também as tarefas domésticas.

De acordo com essas reflexões, percebemos que há pelo menos duas questões importantes a serem pensadas. A primeira é sobre o trabalho doméstico realizado pela dona de casa, ou esposa do trabalhador, como coloca Pateman; e a segunda é sobre a dupla jornada que a mulher que trabalha fora de casa realiza, quando exerce um trabalho remunerado fora de casa e o trabalho doméstico do âmbito privado. Acredito que essas colocações foram pensadas mais no âmbito urbano. Mas no contexto pesquisado pode se perceber algumas questões semelhantes.

Considero importante descrever novamente o âmbito do setor D onde fiz a entrevista. O que as pessoas chamam de lavoura está localizada a aproximadamente 12 km do local de moradia, gerando diversas dificuldades. O que as famílias chamam de horta ou roça está localizada dentro do espaço da moradia onde há geralmente galinheiros, chiqueiros e alguma vaca de leite. As famílias que criam gado o fazem, na maioria das vezes, nas terras perto da lavoura.

Nas famílias que entrevistei as pessoas não faziam muita distinção entre o trabalho de dentro da casa e o trabalho na horta, bem como o cuidado com os animais, presente na maioria das famílias. Pode esse trabalho ser percebido como dupla jornada, afinal são realizadas todas as tarefas do interior da casa, como

cozinhar, limpar, arrumar, lavar roupa, cuidar da plantação e dos animais, e, na grande maioria dos casos, o cuidar das crianças? Responderia minimamente com uma afirmativa. Antes de avançar nessas questões gostaria de trazer alguns dados que apareceram na pesquisa sobre trabalho familiar. Uma das maiores dificuldades dessas pessoas é que o trabalho na lavoura não é suficiente para obter rendimentos necessários a sua sobrevivência, sendo obrigadas a procurar trabalho extra, ou como elas costumam chamar, "bicos". Para uma maior ilustração dessa situação, elaborei dois gráficos. No primeiro aparece a distribuição do trabalho familiar. Esse gráfico foi elaborado a partir das respostas das 24 famílias à pergunta: *que trabalho cada um realiza?*

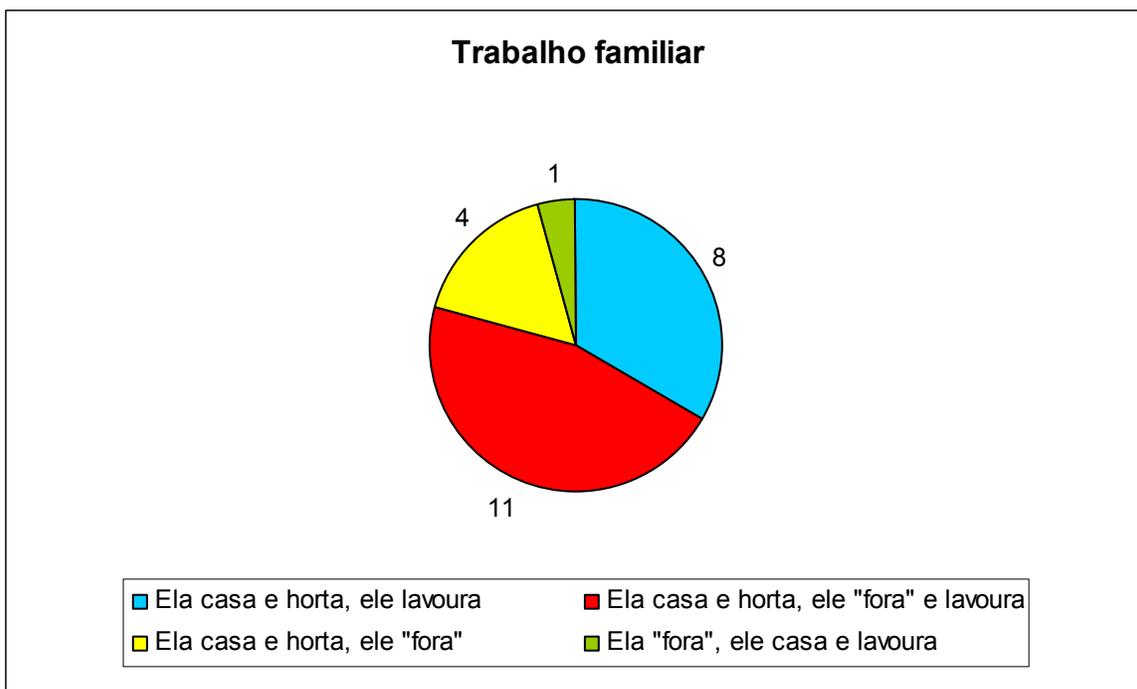


Figura 2: Trabalho familiar
Fonte: dados coletados

Na figura anterior percebemos que as mulheres estão envolvidas basicamente nas atividades da horta e da casa. Em apenas uma entrevista respondida pelo homem, a mulher é quem trabalha fora de casa e ele realiza o trabalho doméstico.

Nem todas as famílias entrevistadas realizam trabalho extra, fora da lavoura. O gráfico abaixo é feito a partir das respostas de 16 famílias.

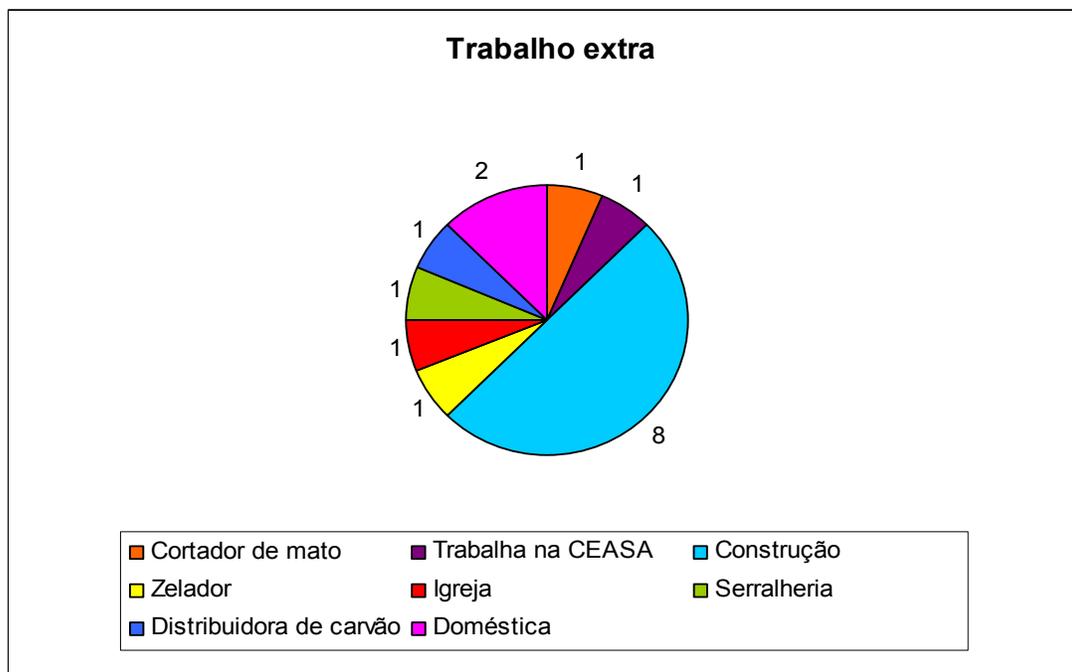


Figura 3: Trabalho extra
Fonte: dados coletados

É importante ressaltar nesta figura que o trabalho extra que aparece para as mulheres, de acordo com as entrevistas é como doméstica. Os demais trabalhos extra correspondem a atividades realizadas por homens. Ou seja, para os homens se destinam sete tipos de trabalho e para as mulheres apenas um.

3.3 Estudo sobre Gênero nas Ciências Humanas

Numa discussão acerca das ciências humanas desde a perspectiva das mulheres, Aguiar (1997) indaga se *seria o feminismo uma ideologia política ou uma perspectiva crítica do conhecimento*. A autora historia questões do feminismo nas universidades, o isolamento que ainda existe nos estudos de mulheres e gênero e faz o seguinte alerta:

Sem descurar da importância das organizações não-governamentais, como elementos importantes para a difusão e práticas democráticas, a ausência de uma diferenciação entre estas e os núcleos de estudos tem desviado a atenção da contribuição principal que o feminismo pode representar para as universidades que é a de repensar a ciência do ponto de vista das mulheres. (Aguiar, 1997, p. 17)

Rachel Soihet (1997) faz interessantes reflexões sobre história, mulheres e gênero. Afirma que, para as historiadoras feministas, foi um grande ganho o descrédito das correntes historiográficas num sujeito humano universal. Inicialmente, historiadores sociais supuseram as “mulheres” como uma categoria homogênea e essa leitura fortaleceu o movimento de mulheres nos anos 70. No final dessa década, conceitos como “diferença” começaram a ser discutidos e a compreensão de “mulheres” por classe, raça, etnia, e sexualidade associava-se a diferenças políticas no movimento feminista. Soihet escreve que, desde a década de 1970, gênero foi usado para *acentuar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo*.

Adriana Piscitelli compara definições de algumas autoras sobre o conceito gênero e a relação deste com os conceitos sexo e parentesco. Acredita que:

[...]muitas autoras oscilam entre realizar uma crítica a várias das idéias à distinção sexo/ gênero, procurando saídas sem abandonar, porém, princípios associados à noção de gênero, ou, ao contrário, desistir dele, pensando-o como um par inseparável numa distinção binária (Piscitelli, 1997, p.51).

A autora vai comparando perspectivas de diversas estudiosas sobre o assunto. Mostra que Donna Haraway pensa que o conceito gênero tenha problemas, pois é visto em oposição a sexo, e este não foi situado historicamente, deixando intactas idéias perigosas relacionadas com identidades essenciais como “homens e mulheres”. É possível ir percebendo que o conceito gênero têm algumas implicações e distinções com a perspectiva aqui adotada.

No entanto, considero muito importante trazer para esta pesquisa a contribuição de Joan Scott no texto *Gênero: uma categoria útil de análise histórica* (1995). A autora relata que inicialmente as feministas usavam a expressão *gênero* para fazer referência à história das mulheres e que em muitos casos não tomavam uma posição sobre a desigualdade ou poder porque incluía as mulheres sem nomeá-las. *Esse uso de gênero constitui um dos aspectos daquilo que se poderia chamar de busca de legitimidade acadêmica para os estudos feministas, nos anos 80* (Scott, 1995, p.75).

A autora vai fazendo um resgate de diferentes posições teóricas que abordaram o conceito gênero e conclui que há basicamente três posturas. Uma, inteiramente feminista, tentaria explicar as origens do patriarcado; outra, situada numa tradição marxista, buscando um compromisso com as críticas feministas, e a última, inspirada em diferentes escolas de psicanálise, para explicar a produção e reprodução da identidade de gênero do sujeito. Com essas referências

percebemos que há uma imensa gama de trabalhos abordando gênero com enfoques bastante diferentes, dependendo das escolas que usam como inspiração.

Scott (1995) afirma que um erro comum entre muitas feministas foi trabalhar com visões a-históricas e categorias essencialistas como *mulher*. Ela afirma que a preocupação teórica com o gênero como uma categoria analítica só surgiu no século XX. A autora chega a uma definição de gênero que me parece bastante válida: *o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder* (Scott, 1995, p. 86).

Embora gênero envolva relações de homens com mulheres, mulheres com mulheres e homens com homens, neste trabalho adotarei gênero numa abordagem dual, ou seja, como sinônimo da relação entre homem e mulher.

3.4 Tempo e Trabalho

"...o tempo faz parte de nós quase como o ar que respiramos, visto que somos constituídos no e com o tempo, ao ponto de não existirmos sem ou fora do tempo, assim como o tempo não existe senão em nós enquanto sua expressão, a sua materialidade". (Desaulniers, 1996, 315)

Essa citação foi tirada do artigo *Tempo - uma categoria, várias abordagens* (1996). A autora discute o tempo como uma categoria de análise, acreditando que

as várias áreas da ciência teriam condições de articular-se, através de estudos e pesquisas que privilegiariam o tempo, pois, segundo ela, *é uma categoria que se constrói na multiplicidade e, por isso, expressa/condensa as inúmeras dimensões que compõem o real*. Acredita que não se pode falar de um conceito de tempo mas de concepções de tempo, tais como: tempo do adulto, tempo da criança, tempo da escola, tempo do trabalho, tempo do lazer e outros. Nesta pesquisa privilegio estes dois últimos, entendendo o trabalho doméstico dentro do tempo de trabalho. Pensa ainda a autora, que um dos problemas desta categoria é a relação de intimidade que mantemos com o tempo, *que tende a dificultar os empreendimentos em que pretendemos atingir sua respectiva objetivação*. Outra contribuição da autora para esta pesquisa é a percepção de tempo na nossa construção. Afirma que *o tempo expressa uma estrutura socio-cultural e porque já foi estruturado socialmente, atua enquanto estrutura estruturante do real*. Concordo com Desaulniers na necessidade existente de desenvolver pesquisas que visem captar a complexidade que envolve a categoria tempo.

Aguiar afirma que *os mosteiros foram as primeiras instituições que contribuíram para disseminar uma dimensão interna do controle temporal*, através de relógios e sinos, e que, os religiosos indicavam os horários tanto para os residentes quanto para os não residentes dos mosteiros. Apoiada em Giddens, coloca que, *organizações tradicionais dependem de relações pessoais e métodos coercivos*, enquanto que, *organizações modernas dependem de meios impessoais de controle*. Para entender como foi-se constituindo o controle do tempo na

sociedade ocidental, trago o estudo de Thompson sobre *Tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial*.

A partir do século XIV na Europa, espalhavam-se, principalmente em cidades mercantis, os grandes relógios de campanários e monumentos públicos. Thompson (1991) suspeita que, em meados do século XVII, o tempo medido pelo relógio ainda era privilégio da nobreza, dos fazendeiros, dos patrões e dos comerciantes. Já na última década do século XVIII abundavam os relógios e, dependendo da qualidade, eram vistos como objeto de prestígio. Uma das maiores preocupações do autor ao fazer esse estudo é *o sentido do tempo nas suas condicionantes tecnológicas e com a medida do tempo como meio de exploração do trabalho*.

No século XVII houve um triunfo do dia sabático sobre os antigos dias santificados, porém, as pessoas continuaram por muito tempo arraigadas às suas tradições de romarias e festas tradicionais. As irregularidades dos dias e semanas de trabalho, resultavam, até as primeiras décadas do século XIX, da própria irregularidade do ano de trabalho, constantemente interrompido por essas festas. Percebia-se baixa produtividade na segunda-feira e isso era atribuído a razões como as pesadas bebedeiras que ocorriam nos finais de semana e ao fato desse dia ser destinado pelas siderurgias à reparação de máquinas. Era ainda o dia dedicado aos negócios particulares.

Sobre a redução dos dias festivos, numa nota de rodapé da obra *O direito à preguiça*, Lafargue (2003) afirma o seguinte:

O protestantismo, que era a religião cristã adaptada às novas necessidades industriais e comerciais da burguesia, preocupou-se menos com o descanso popular do que em destronar os santos no céu para abolir suas festas na terra. A reforma religiosa e o livre-pensamento filosófico não eram senão pretextos que permitiram à burguesia jesuíta e voraz escamotear os dias de festa do povo. (Lafargue, 2003, 91)

A disciplina do trabalho foi sendo imposta de diversas formas. Foram principalmente duas as instituições que inculcaram a noção de *"economia do tempo"*: a fábrica e a escola. Segundo Thompson, por volta de 1700 começaram a aparecer as folhas de ponto, o supervisor dos tempos, os informadores, as multas. O controle do tempo dos trabalhadores começou a ser feito de forma mais rígida. Cerca de setenta anos depois, esse tipo de disciplina começou a ser implantado nas tecelagens de algodão. Nos séculos seguintes as máquinas marcariam o ritmo de trabalho. Sobre a educação coloca que *uma vez passados os portões da escola, a criança entrava no novo universo do tempo regulado.*

De acordo com Thompson (1991) *o tempo tem que ser consumido, é ofensivo das classes trabalhadoras permitir-se-lhes simplesmente "passar o tempo"*. O autor mostra que não foi tarefa simples impor *uma nova disciplina do tempo*. Nas sociedades primitivas a medição do tempo estava relacionada com a duração do ciclo de trabalho e das tarefas domésticas. Muitas vezes trabalhos como pescaria, agricultura, etc. seguiam o que o autor denominou *obrigações da profissão*. Nesse contexto, faz observações relevantes que, de certa forma, pude perceber em minhas observações de campo: *trata-se de uma coisa mais humanamente compreensível que o tempo medido pelo relógio pois o trabalhador*

parece atender a uma necessidade concreta; há pouca demarcação entre o "trabalho" e a "vida".

3.5 Tempo de agricultoras e agricultores

De acordo com Thompson (1991) *toda a economia familiar do pequeno agricultor pode ser regulada através da orientação pela tarefa; mas na família pode existir uma divisão de trabalho.* E sobre trabalho feminino aponta que, na economia rural, *os mais prolongados e árduos eram reservados às mulheres casadas. Parte do seu dia era para tomar conta das crianças e outra parte era passada nos campos, de onde voltavam para fazer as lides domésticas.* De acordo com dados encontrados na minha pesquisa, essa realidade se parece muito com a estudada no Assentamento. Analisando as respostas sobre quem realizava o trabalho doméstico e sobre o cuidado e atividades das crianças durante o dia cheguei aos seguintes gráficos:

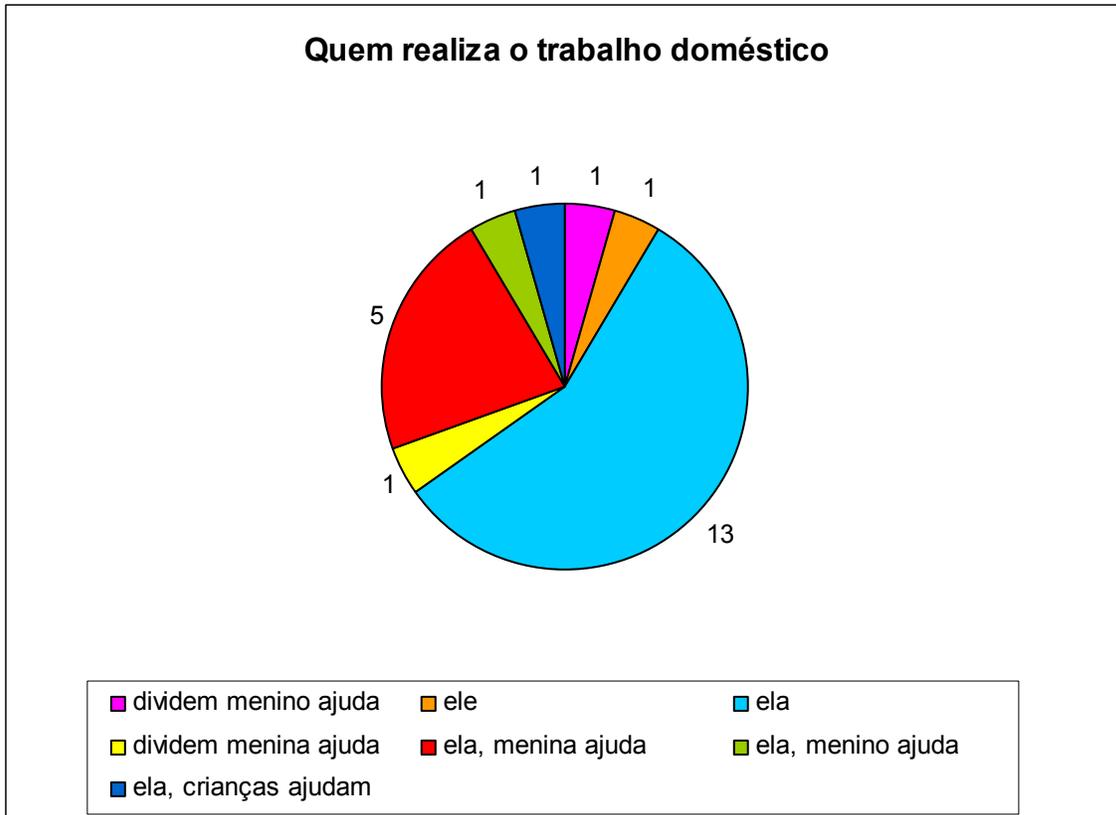


Figura 4: Quem realiza o trabalho doméstico
 Fonte: dados coletados

Neste gráfico aparece a análise das vinte e quatro famílias entrevistadas. O trabalho doméstico aqui é entendido como a realização de tarefas dentro da casa e na horta familiar. A partir das respostas às perguntas: *que trabalho cada um realiza e quem cuida da casa, prepara as refeições, limpa, lava, etc.* cheguei às categorias da legenda da figura 4. Percebemos que em sete categorias agrupadas, quatro apontam para "ela", uma para "ele" e a divisão de tarefas mais igualitária aparece em apenas duas categorias. Percebemos que as crianças se envolvem na realização das tarefas domésticas, sendo que os meninos que ajudam aparecem em duas famílias e as meninas em seis.

O próximo gráfico foi elaborado a partir da resposta de vinte famílias à pergunta: *o que as crianças fazem durante o dia e quem cuida delas?* Quatro famílias não responderam essa questão porque elas eram compostas apenas por adultos.



Figura 5: Quem cuida das crianças
Fonte: dados coletados

Neste gráfico percebemos que em apenas duas famílias o casal divide a responsabilidade do cuidado das crianças. Em dezessete famílias é a mãe quem cuida e em uma a avó. Embora haja um discurso e uma tentativa do setor de gênero em o cuidado das crianças seja feita de uma forma diferente, a realidade pesquisada mostra que esse processo ainda é lento. Retomo aqui o já citado evento denominado Jornada pela Reforma Agrária, onde pude observar alguns homens acompanhados pelos seus filhos à reunião. Interpreto isso como uma

mudança, que vem ocorrendo de forma lenta. No entanto, esse trabalho ainda é realizado, na grande maioria das vezes por mulheres. A seguir, trago uma autora que escreve sobre a percepção que os sujeitos tem sobre seu papel chave e o como isso pode influenciar na distribuição do uso de seus tempos.

Cabe aqui trazer a compreensão de Cebotarev (1985) da influência do uso do tempo sobre a estabilidade ou a transformação de estruturas sociais. Pensa ela que, *todo ator social, em sua distribuição de tempo, procurará satisfazer prioritariamente as atividades mais estreitamente relacionadas com sua própria percepção de seu papel-chave*. Pensando no papel da mulher, que incluiu o *conjugal, materno e doméstico*, deduz que, *a introdução de atividades novas tenderá a estender o tempo dedicado ao trabalho ao invés de deslocar algumas atividades relacionadas com seu papel-chave*. Esse raciocínio a leva à segunda hipótese de sua pesquisa, que aponta para o fato de que, *a estrutura do uso do tempo, relacionada com determinados papéis-chaves exercidos por mulheres*, pode representar, associada a outros fatores, *um obstáculo para a inserção das mulheres na esfera pública*, entendida neste caso como trabalho fora de casa, participação política, cultural, etc.

Na pesquisa realizada a maioria das pessoas percebe que as mulheres trabalham muitas vezes mais que os homens, realizando, além do trabalho dentro da casa, o cuidado das crianças, dos animais e da horta. Colocam que dificilmente os homens realizam atividades como lavar roupa ou lavar as panelas.

Uma das perguntas feita na entrevista foi se as pessoas consideravam que homens e mulheres realizavam um mesmo tipo de trabalho. As respostas foram diversas. Analisando as respostas cheguei ao gráfico abaixo para dar uma idéia de como as famílias percebem os trabalhos masculinos e femininos dentro do Assentamento Águas Claras. Nas respostas algumas pessoas acreditam que as mulheres trabalham mais que os homens. Outros apenas pensam que realizam trabalhos diferentes. Outros ainda dizem que depende da combinação de cada família e alguns acreditam que ambos realizam apenas atividades diferentes.

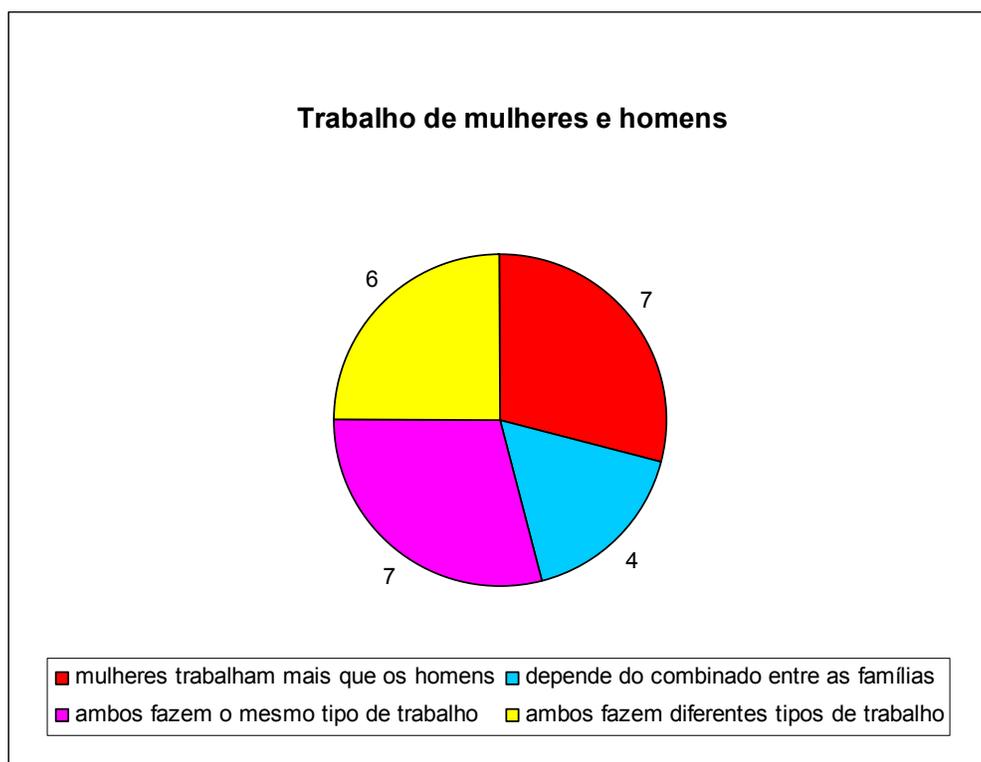


Figura 6: Trabalho de mulheres e homens

Fonte: dados coletados

Este figura ilustra algumas percepções sobre o trabalho de homens e mulheres que às vezes chega a ser contraditório. Em sete entrevistas acredita-se que as mulheres fazem o mesmo tipo de trabalho e em outras seis que fazem trabalhos diferentes. Em outras sete se pensa que as mulheres trabalham mais

que os homens e nas últimas quatro se afirma que depende do combinado entre as famílias.

Além do gráfico, pela riqueza das respostas, retomarei algumas falas das mulheres e homens pesquisados com relação à mesma pergunta. Abaixo seguem algumas falas:

[...] Nem sempre. As mulheres vão na lavoura também. Mas nem sempre eles ajudam no serviço da casa. Até que cuidar das crianças eles ajudam mas roupa para lavar e serviço de casa eles não ajudam. Por quê? Sei lá. Eles acham que é serviço de mulher. (mulher , família 4)

[...] Não. A mulher é na casa e na roça. A maioria dos homens não ajudam em casa é só na roça. Meu irmão dentro de casa não faz de nada. Tinha que ser em partes iguais. O homem tinha que ser dentro de casa e na roça, como a mulher. (mulher, família 5)

[...] As mulheres trabalham mais que os homens. Cuidam da criação, vão para lavoura e cuidam da casa.(mulher, família 6)

[...] Depende da mulher e do homem. Eu já fiz serviço de homem, ajudar eles na lavoura. Se tem uma coisa que eu não posso fazer meu marido faz. (mulher, família 9)

[...] Depende. Tem mulheres que trabalham mais que homens, trabalham junto. Os motivos para isso é que tem pessoas que querem subir na vida e trabalham junto. Mas tem caras que são meio parados e as mulheres trabalham mais. Mas a maioria trabalha junto. (homem, família 11)

[...] Nem todos. O homem faz o trabalho pesado como cerca, construção, trabalho. As mulheres lavam a roupa.(homem, família 21).

[...] Mesmo serviço porque é no interior. Na cidade as vezes a mulher fica mais em casa e o homem faz o serviço mais pesado. Na colônia é parelho. Os homens ajudam em casa, só não lavam as panelas, só se pedirem. (mulher, família 23)

Analisando essas falas é possível ver como os sujeitos pesquisados percebem a divisão do trabalho de formas diferentes. É possível vislumbrar certo tradicionalismo nas relações segundo as falas do homem da família 21 e das mulheres da família 5 e 9.

3.6 Tempo livre e/ou lazer

Ao se falar de trabalho e desemprego, devemos falar também de tempo livre. Ainda aproveitando o texto de Ribeiro e outros (2001), vou começar citando o tempo livre do desemprego, visto por eles como *tempo do desespero, da humilhação, da procura inútil de um “emprego”*. Ou quem sabe, *o tempo de aprendizado da luta e da solidariedade para construir alternativas concretas, autônomas e criativas de trabalho e lazer solidários*. Devemos então começar a pensar no que se constituiria o lazer. Werneck (2000) faz um estudo histórico sobre o lazer. As primeiras noções de lazer estavam relacionadas com o ócio, uma grande virtude enfatizada pelos filósofos gregos na Antigüidade. Na civilização romana houve uma mudança, falando-se em *licere* para designar as práticas culturais consideradas lícitas. Há uma rigorosa disciplina em relação ao divertimento, evitando tentações para a vadiagem. No período medieval o lazer era considerado *pernicioso aos homens, um perigo para purificação da alma* (Werneck, 2000).

De acordo com a autora, a partir da Modernidade, o lazer passa a ser vinculado à dimensão tempo. Ele foi impulsionado pela implantação do modo de produção capitalista e pela intensificação dos centros urbanos. Dessa forma, foram definindo-se novos rumos para o lazer, para o trabalho e para a educação. Os trabalhadores fabris tinham jornadas diárias que chegavam a 16 horas por dia

e não sobrava tempo para o lazer. Essa exploração acabou fazendo com que os trabalhadores fossem levantando diversas reivindicações sociais e o lazer era uma delas. Segundo Werneck:

Emerge, assim, o significado de lazer não como um privilégio de classe, mas como um direito de cidadania a ser usufruído igualmente por todos, concretizado principalmente na categoria tempo, seja ele considerado como “tempo livre”, como tempo de “não trabalho”, “desocupado” ou “liberado”. (Werneck,2000,139).

A autora alerta que nas últimas décadas do século XX, as pessoas acabam confundindo lazer como uma mercadoria, vendida e propagada como recreação.

Outro autor que discute os conceitos de tempo, trabalho e lazer é Moraes (1998). No livro *A Subjetividade do Tempo*, analisa o controle do tempo dos trabalhadores pelos detentores de capital, não apenas no tempo de trabalho mas no tempo de lazer. Percebe que os *momentos de extra-jornada vinculam-se à lógica da produção para servirem como espaços de recuperação das capacidades laborativas*. Mais adiante, afirma que *há, em realidade, um tempo único, apesar de sua composição parcelada em momentos distintos e complementares, que é o da produção*.

Acerca disso, há mais de um século, sobre os trabalhadores de fábrica, Lafargue (2003) afirmou:

Assim, à fadiga de um dia de trabalho excessivamente longo, visto que labutam pelo menos quinze horas, vem juntar-se, para esses desgraçados, o cansaço das idas e vindas tão freqüentes, tão penosas. Disso resulta que, a noite, chegam a suas casas oprimidos pela necessidade de dormir e, no dia seguinte, saem antes de terem repousado completamente para se apresentar na fábrica na hora da abertura. (Lafargue, 2003, p. 33).

Quando perguntei na entrevista qual era a maior dificuldade do trabalho a resposta que mais apareceu foi a distância que ficava a lavoura da moradia. Muitos homens não têm meios de transporte para chegar lá e têm que percorrer os 12km caminhando, o que leva muito tempo, além do cansaço.

De acordo com as respostas sobre o que costumavam fazer em seu tempo livre, sua folga, percebi que o lazer é bastante limitado dentro do Assentamento. Listando as principais atividades citadas pelas pessoas nas respostas, cheguei ao seguinte gráfico:

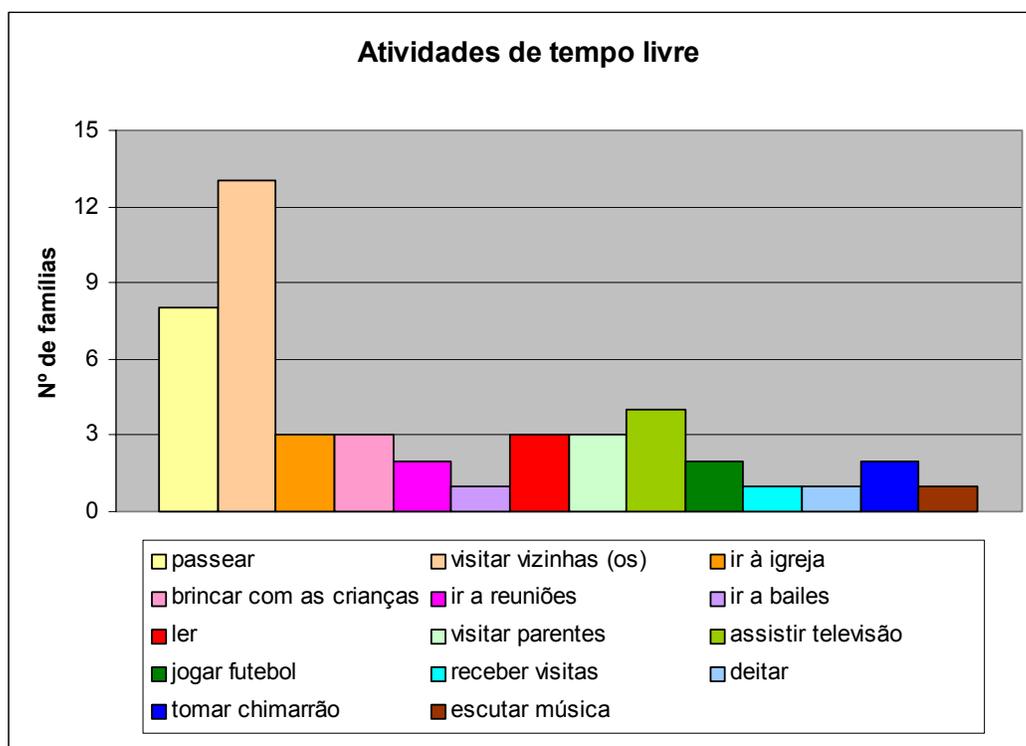


Figura 7: Atividades de tempo livre

Fonte: dados coletados

Pesquisa recente realizada na UFRGS denominada *Educação, Gênero e Temporalidades*, coordenada pela Profa. Dra. Marie Jane Soares Carvalho (2001), traz contribuições importantes ao entendimento do uso do tempo para atividades

de lazer, bem como para o entendimento do próprio conceito de lazer. De acordo com as pesquisadoras

O tempo não se distingue somente pelas suas atividades compulsórias e pelas imposições de uma sociedade industrializada. As conquistas históricas dos trabalhadores, com a redução da jornada de trabalho, permitiram que se concretizasse o tempo dedicado ao lazer. Afora nossas obrigações cotidianas, o lazer encerra um tempo dedicado para si que nos permite fazer escolhas. Todavia o que parece ser escolha dos usos do tempo é em grande medida sustentado por entendimentos, possibilidades e constrangimentos sociais de classe e gênero. (Carvalho,2001,p.29).

Aqui gostaria de retomar ao questionamento feito no final da seção 3.1 pensando na organização da temporalidade das pessoas assentadas. O problema é ***Como a relação conflitante entre os gêneros pode funcionar como princípio educativo, enquanto constituinte de novos sujeitos sociais, homens e mulheres agricultores, nos âmbitos do uso do tempo de trabalho e de lazer do setor D do Assentamento Águas Claras?***

Como já coloquei antes, não tenho uma resposta simples e curta para apontar. Percebo que, por um lado, há um trabalho que é feito pelo MST no sentido de conscientizar as pessoas da opressão de gênero; há até um setor encarregado disso em cada assentamento. Percebo, ainda, que a grande maioria das mulheres e também alguns homens reconhecem que as mulheres trabalham mais que os homens. Isso pode ser percebido nas seguintes falas:

[...] As mulheres às vezes fazem mais trabalho que os homens, mas os homens dificilmente fazem os trabalhos como lavar roupa ou ajudar dentro de casa. Só se

obrigam. (mulher, família 2)

[...] têm mulheres que trabalham mais que os homens porque vão para roça e trabalham em casa. E os homens não fazem o serviço da casa. Eu por exemplo, trabalhava mais porque tive 12 filhos e nunca parei de trabalhar na roça e fazia o serviço da casa. Os filhos poderiam me ajudar mas quando ele ia para roça levava tudo. (mulher, família 19)

[...] lavoura de arroz é feita só por homens. As mulheres que vieram de Iraí assumem qualquer tarefa. Tem outras que fazem mais o serviço da casa. Assim como tem homens que ajudam as mulheres a fazer o serviço da casa. O meu ajuda em tudo mas tem outros que não. Fazem só serviço pra fora. Direito igual, trabalho igual. (mulher, família 1)

Percebemos pelas falas que há uma consciência de gênero em formação, embora ainda o trabalho doméstico e o cuidado com as crianças recaia, na maioria das vezes, sobre as mulheres. O educativo, ao meu ver, está presente na contradição do cotidiano, onde as assentadas vão percebendo sua condição e discutindo com seus companheiros formas alternativas de vivenciar seu cotidiano, buscando dividir as tarefas domésticas, o cuidado com os filhos, a participação em reuniões e as demais responsabilidades familiares. Vejo essa questão como um processo lento em que há avanços e retrocessos, mas ainda assim está acontecendo. A questão do uso do tempo e lazer é mais complexa ainda, porque, devido as carências existentes no Assentamento, são restritas as atividades de lazer. De acordo com Carvalho(2001) anteriormente citada, *a concepção de lazer varia de acordo com as experiências que as pessoas já tiveram e com as possibilidades que têm ao seu alcance* (Op. Cit. p.30).

Em algumas entrevistas percebe-se o fato de os homens terem um pouco mais de tempo livre que empregam para seu descanso, como vemos na citação abaixo:

[...] tem mulher que faz mais que homem. Eu via lá no interior. Enquanto o homem tomava o chimarrão a mulher tirava o leite e arrumava, colocava as panelas no fogão e iam para a roça juntos. [...] Ela ia para a cozinha e ele para a criação. Depois ele ia deitar enquanto ela ia lavar a louça. Têm homens que ajudam mas tem outros que não sujam as mãos. As mulheres lidam com a casa e lá fora.

Há ainda a questão da invisibilidade do trabalho doméstico, percebido e criticado por algumas assentadas. A primeira se refere à preferência do trabalho na roça e a segunda aponta a diferença entre trabalho de mulheres e homens.

[...] Gosto mais de trabalhar na roça porque em casa nunca aparece o trabalho e na roça sim. (mulher, família 4)

[...] o que o homem faz ninguém desmancha e a mulher já é diferente. A mulher faz o serviço tudo dentro de casa e no outro dia é o mesmo serviço para fazer, nunca se termina. E o homem é diferente, o que o homem faz ninguém desmancha. Ele faz as coisas dele, trabalha para fora e tem tudo o que é dele. A mulher é sempre o mesmo, todos os dias é o mesmo. A gente limpa e os filhos vêm e sujam. Que nem aqui em casa, eu passo direto limpando tudo e quando vou ver está tudo sujo de novo. (mulher, família 22)

As possibilidades de lazer são bastante restritas. Creio que seria interessante criar dentro do Assentamento um setor exclusivo que pensasse em atividades de lazer para todas as pessoas assentadas. E que houvesse nesse tempo de ócio reais oportunidades de vivenciar experiências realizadoras, e não um simples consumo de tempo livre ou um uso do tempo livre *como espaço de recuperação das capacidades laborativas*, como já foi citado anteriormente. Em vista do que foi encontrado na pesquisa, talvez seja utópica minha sugestão, no entanto, não podemos perder a utopia que nos possibilita sonhar com um mundo

melhor.

4. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta última parte da pesquisa, mais do que dar respostas vou sistematizar algumas questões que fui percebendo ao longo da investigação. O Assentamento enfrenta muitas dificuldades e algumas interferiram na pesquisa.

Um dos problemas que surgiram foi a dificuldade de muitas pessoas em participar das reuniões. Os motivos foram dos mais variados, aparecendo desde cansaço e necessidade de trabalhar em outras atividades até a falta de interesse por não acreditar na possibilidade de mudanças efetivas. Nesse aspecto, vejo como necessário reforçar o trabalho do MST enquanto Movimento para manter a consciência coletiva de grupo e evitar que agricultoras e agricultores voltem ao seu trabalho isolado. Outro problema que deve ser pensado coletivamente é a falta de recursos para plantar e para sobreviver.

A dificuldade mais citada nas entrevistas é a distância de 12 km que há entre a lavoura e as moradias. A maioria das pessoas não possui meio de transporte e tem que caminhar mais de duas horas para chegar ao trabalho. Alguns ficam acampados ou em casas improvisadas na lavoura. Outros conseguem carona até o local. Há negociações com a prefeitura de Viamão para a construção de estradas dentro do Assentamento.

Pela já citada falta de recursos para sobreviver, muitas famílias são obrigadas a procurar trabalho fora do Assentamento. O que essas pessoas costumam chamar de "bicos" ou "serviços que aparecem" são, na grande maioria

dos casos" trabalhos temporários na construção para os homens e em faxinas para as mulheres.

Sobre o trabalho masculino e feminino, a maioria das pessoas concorda que o trabalho de homens e mulheres é diferente. Pensam que as mulheres trabalham mais porque, além da roça, realizam o trabalho da casa, o cuidado das crianças e da criação de animais. Algumas famílias, poucas ainda, estão preocupadas em dividir as tarefas. O fato de que haja esse reconhecimento, é, ao meu ver, um avanço para que homens e mulheres vão se educando para uma nova sociedade. Essas discussões entre os gêneros, apesar da lentidão do processo, de suas contradições e de seus avanços e recuos, funciona como um princípio educativo, que deve ser incentivado pelo setor de gênero do Assentamento.

Sugiro ainda, com referência ao lazer, ou melhor, à escassez do mesmo, criar um setor dentro do Assentamento, que pense alternativas para essas questões.

Ao concluir essa pesquisa percebo que há ainda muitos problemas que devem ser investigados e espero que esse trabalho possa ser aproveitado pela coordenação do Assentamento para iniciar com as famílias um diálogo para a busca de melhoras e alternativas. Gostei de fazer este trabalho, apesar de nos momentos finais ter tido todos os contratemplos possíveis como a quebra de meu computador, a perda de partes do texto que tive que reescrever, e o desgaste físico, econômico e emocional que esse tipo de situação gera.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABRAMO, Lais. A situação da mulher latino-americana. O mercado de trabalho no contexto de reestruturação. In: DELGADO, Didice G.; CAPPELLIN, Paola; SOARES, Vera (Orgs.) *Mulher e Trabalho. Experiências de ação afirmativa*. P. 111 a 134. Boitempo editorial. São Paulo. 2000.

AGUIAR, Neuma. (Org.). *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos Tempos, 1997. Coleção Gênero; v.5.

_____. *Múltiplas Temporalidades de Referência: Trabalho Doméstico e Trabalho Remunerado em uma Plantação Canavieira*.

AQUINO, Rubim S. L.; VIEIRA, Fernando A. da C.; AGOSTINHO, Carlos Gilberto W.; ROEDEL, Hiran. *Sociedade Brasileira: uma história através dos movimentos sociais*. Rio de Janeiro: Record, 1999.

ALENCAR, Chico; CARPI, Lúcia; RIBEIRO, Marcos Venício. *História da Sociedade Brasileira*. 14^a ed. São Paulo: Ao livro Técnico, 1996.

ARROYO, Miguel. As relações sociais na escola e a formação do trabalhador. FERRETI, Celso Jr. João dos Reis; OLIVEIRA, Maria Rita N. S. (org.) *Trabalho, Formação e Currículo. Para onde vai a escola?* São Paulo: Xamã, p. 13-41, 1999.

BAQUERO, Marcelo; BAQUERO, Rute V. A. ; GONCALVES, Maria Augusta S. Reflexões sobre a pesquisa nas Ciências Humanas. *Barbarói* n° 2, p. 17-32, março 1995.

BEZERRA NETO. *Sem-terra aprende e ensina*. Campinas, Editora Autores Associados, 1999.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Porto, 1994.

BONAMIGO, Carlos Antônio. *Pra mim foi uma escola...o princípio educativo do trabalho cooperativo*. Passo Fundo: UPF, 2002. 184p.

CALDART, Roseli. *Pedagogia do Movimento Sem-Terra*. Petropolis, Vozes, 2000.

CARVALHO, Marie Jane Soares. *Gênero, raça e classe social no currículo*. Tese de Doutorado, Porto Alegre: UFRGS, 1999.

CARVALHO, Marie Jane Soares (coord.); Machado, Juliana Brandão; Rosa, Tatiane da Silva da. *Educação, Gênero e Temporalidades. Uma análise dos usos do tempo de crianças da classe popular da periferia de Porto Alegre. Relatório de Pesquisa*. Porto Alegre, 2001.

CEBOTAREV, E. (1985). *A organização do tempo de atividades domésticas e não domésticas de mulheres camponesas na América Latina*. In: AGUIAR, Neuma. *A força de trabalho na América Latina*. Petrópolis: Vozes.

DESAULNIERS, Julieta Beatriz Ramos. *Tempo- uma categoria, várias abordagens*. In: Veritas: Porto Alegre, v. 41, n° 162, junho de 1996, p. 315-321.

GALEANO, Eduardo. *Patatas arriba: la escuela del mundo al revés*. Ediciones del Chanchito: 1998. Montevideo. P. 330.

FELIPE, Jane. *“Entre tias e tiazinhas: pedagogias culturais em circulação”* In SILVA, Luiz Heron (org.). *Século XXI: qual conhecimento? Qual currículo?* Petrópolis: Vozes, 1999.

GOHN, Maria da Glória. *História dos Movimentos e Lutas Sociais*. São Paulo: Loyola, 1995.

_____. *Mídia, Terceiro Setor e MST*. Impactos sobre o futuro das cidades e do campo. Petrópolis: Vozes, 2000.

GORZ, André. *Adeus ao proletariado: para além do socialismo*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

_____. *Metamorfosis del trabajo*. Madrid. Editorial Sistema, 1997.

HOUAISS, Antônio e AMARAL, Roberto. O exílio do povo: alienação da História (notas sobre o autoritarismo). *Modernismo no Brasil: Conciliação e Ruptura*. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

KUHN, Thomas. A estrutura das revoluções científicas. *Editora Perspectiva*. São Paulo. 2001.

LAFARGUE, Paul. O direito à preguiça. *Editora Claridade*, São Paulo, 2003.

LIMA, João Francisco Lopes de. Pesquisa qualitativa em educação: considerações sobre descrição, análise e interpretação de dados. *La Salle. Revista Educação, Ciência e Cultura*. Vol (7), nº1, p. 85-92. Outono de 2002.

LOURO, Guacira. *Pedagogias da "sexualidade"*. In: LOURO, Guacira (org.) *O corpo educado. Pedagogias da Sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 1999

_____. *Currículo, gênero e sexualidade- refletindo sobre o "normal", o "diferente" e o "excêntrico"*. In: <http://www.ufrgs.br/faced/geerge/vcolquio.htm>

LÜDKE, Menga e ANDRÉ, Marli E. D. A. *Pesquisa em educação: abordagens qualitativas*. São Paulo: EPU, 1986.

MARX, K. *El capital. Libro 1, tomo I, II, III. Libro 2, tomo I*. Traducción original del alemán: Vicente Romano Gargia. AKAL editor. Impreso en España, Madrid, 1976.

MEYER, Dagmar. “*Cultura teuto-brasileiro- evangélica no RS: articulando gênero com raça, classe, nação e religião*”. Educação e Realidade. Vol. 25(1), janeiro/junho 2000.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (org) e outros. *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis: Editora Vozes, 2000. 15ª edição.

MORAIS, José Luis Bolzan de. *A subjetividade do tempo: uma perspectiva transdisciplinar do Direito e da Democracia*. Porto Alegre: Livraria do Advogado; Santa Cruz do Sul. RS: Edunisc, 1998.

MORIGI, Valter. *A escola do MST: uma utopia em construção*. Porto Alegre: Mediação, 2003. 96p.

MORISSAWA, Mitsue. *A história pela terra do MST*. São Paulo: Expressão Popular, 2001.

MOVIMENTO DE MULHERES TRABALHADORAS RURAIS-RS. *Revista do MMTR, n° 1*, agosto de 2000.

MST, *Construindo o Caminho*. Secretaria Nacional do MST. São Paulo. Edição: julho 2001.

PATEMAN, Carole. *O contrato sexual*. Tradução: Marta Arancini. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 1993.

PALUDO, Conceição. *Educação Popular em Busca de Alternativas*. Porto Alegre: CAMP/ Tomo Editorial, 2001.

PISCITELLI, Adriana. *Nas Fronteiras do Natural: gênero e parentesco*. Revista Estudos Feministas, vol. 6 n° 2/98. Publicação semestral. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais UFRJ.

_____. *Ambivalência sobre os conceitos de sexo e gênero na produção de algumas teóricas feministas*. In: AGUIAR, Neuma (org). *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro. Record: Rosa dos Tempos, 1997.

RIBEIRO, Darcy. *O Povo Brasileiro. A formação e o sentido do Brasil*. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

RIBEIRO, Marlene. *Formação de Professores e escola básica: perspectivas para a Pedagogia*. In: Educação & Realidade. Porto Alegre, v. 25, n. 2, p.179- 202.

_____. *Cidadania: interrogações ao conceito para a compreensão dos movimentos sociais*. In: Caderno de Debates n° 2. Porto Alegre: CAMP, p. 43-82, 2001.

RIBEIRO, Marlene; FERRARO, Alceu; VERONEZ, Luiz Fernando. *Trabalho, Educação, Lazer: horizontes de cidadania possível*. 2000. In: Sociedade em Debate. Vol 7 n° 2. Pelotas/ RS:EDUCAT, p. 99-134.ago, 2001.

RIBEIRO, Marlene e FERRARO, Alceu. *Luta de classes: um conceito em estado prático para as leituras dos movimentos sociais*. Movimentos Sociais: Revolução e Reação. Pelotas: EDUCAT, 1999.

SADER, Emir. *Fragmentos de uma palestra - Que país é esse?* . Palestra proferida na abertura do *VI Seminário Internacional de Reconstrução Curricular - Qual o Conhecimento? Qual Currículo?*- da Secretaria Municipal de Porto Alegre, em 05 de julho de 1999.

SAFFIOTI, Heleieth I. B. *No fio da navalha: violência contra crianças e adolescentes no Brasil atual*. In: MADEIRA, Felícia Reicher. *Quem mandou nascer mulher? Estudo sobre crianças e adolescentes no Brasil*. Rio de Janeiro: Record/Rosa dos Tempos, 1997.

SANTOS, Wanderley Guilherme dos. *Cidadania e Justiça*. A política social na ordem brasileira. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1987.

SCHAAF, Alie van der. *Jeito de mulher rural: a busca de direitos sociais e da igualdade de gênero no Rio Grande do Sul*. Passo Fundo: UPF, 2001.

SKLIAR, Carlos e DUCHATZKY, Silvia. *Os nomes dos outros. Reflexões sobre os usos escolares da diversidade*. Educação e Realidade Vol 25 (2), julho/dezembro 2000.

SILVA, Tomaz (org.) *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise*. Revista Educação e Realidade, vol. 20 n° 2. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação.

SOIHET, Rachel. *História, Mulheres e Gênero: contribuições para um debate*. In: AGUIAR, Neuma (org). *Gênero e ciências humanas: desafio às ciências desde a perspectiva das mulheres*. Rio de Janeiro. Record: Rosa dos Tempos, 1997.

THOMPSON, Edward. *O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial*. In: SILVA, Thomaz Tadeu (org.). *Trabalho, Educação e Prática Social*. Porto Alegre: Artes Médicas, p. 45-93, 1991.

WERNECK, Christianne. *Lazer, trabalho e educação: relações históricas, questões contemporâneas*. Belo Horizonte: Ed.UFMG;CELAR-DEF/UFMG,2000.

WOODWARD, Kathryn. *Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual*. In: SILVA, Tomaz (org.) *Identidade e diferença*. Petrópolis: Vozes, 2000.

6. APÊNDICES

6.1 Apêndice A – Modelo de autorização das entrevistas

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
ALUNA CARLA PATRÍCIA PINTADO NÚÑEZ

AUTORIZAÇÃO

Declaramos estar cientes que as informações por nós fornecidas à Carla Patrícia Pintado Núñez serão utilizadas em sua pesquisa de mestrado. Autorizamos a utilização das mesmas para sua dissertação e possível publicação desde que nossas identidades individuais (nomes e sobrenomes) sejam mantidos em sigilo.

Águas Claras, 1º semestre de 2003.

6.2 Apêndice B- tabelas com transcrição parcial das entrevistas

As entrevistas foram realizadas nos meses de novembro e dezembro de 2002 e fevereiro, março, abril e maio de 2003. A técnica usada foi entrevista semi-estruturada. Foi feita uma reunião no assentamento para avisar que eu estaria visitando as famílias para conversar e fazer algumas perguntas. No entanto, muitas pessoas não sabiam de meu trabalho. Eu fiz as visitas sem marcar com antecedência. Chegava nas casas, conversava com as pessoas e fazia a entrevista. Em quase todas fui recebida muito bem, poucas pessoas se mostraram desconfortáveis, mesmo com o uso do gravador. Só em duas entrevistas não usei o gravador. Na primeira, a pessoa que me recebeu estava lavando roupa na rua e não se mostrou com muita vontade de responder mas, mesmo assim respondeu na rua, de pé. Por isso nem pedi para usar o gravador. Na outra entrevista não usei porque a pessoa não autorizou, pediu que anotasse as respostas. As demais pessoas se mostravam tímidas com o gravador porque imaginavam que eu pudesse perguntar algo que elas não soubessem responder. Depois das primeiras perguntas percebiam que queria conhecer seu cotidiano e ficavam a vontade. As entrevistas fluíam como uma conversa e elas contavam bem mais coisas do que eu perguntava. Escutando e analisando várias vezes essas entrevistas, juntando com as anotações das observações e guiada "pelas lentes" de meu referencial teórico escrevi minha dissertação.

Optei por fazer uma tabela padronizada com cada entrevista para ter uma idéia geral dos tópicos investigados. Organizei com minhas palavras as respostas para

a informação ficar mais clara. Contudo, algumas frases ou palavras aparecem entre aspas porque considerei importante citar exatamente o que a pessoa falou.

As tabelas começam com uma observação minha dizendo quem respondeu a entrevista e como. Muitas vezes coloquei minha impressão sobre o comportamento da pessoa durante a entrevista.

Perguntas

1. Quantas pessoas moram nesta casa? Idade, sexo e parentesco.
2. Quanto tempo moram aqui?
3. Qual era o acampamento?
4. Chegaram a ficar acampados? Onde?
5. Alguém freqüenta ou freqüentou a escola? Por quanto tempo?
6. Que trabalho cada um realiza? Qual é o tempo que levam para realizá-lo?
7. Quem cuida da casa , prepara as refeições, limpa, lava...? quanto tempo?
8. O que mais gostas e menos gostas do teu trabalho?
9. O que costumavas fazer no teu tempo livre, na tua folga?
10. O que as crianças fazem durante o dia e quem cuida delas?
11. Quais são as maiores dificuldades do teu trabalho?
12. Achas que homens e mulheres fazem o mesmo tipo de trabalho?
13. Participas da reunião do assentamento ou fazes parte de algum núcleo?

Família 1

Comentários	A entrevista foi feita a vontade. Quem respondeu foi uma mulher que contava muitos detalhes de seu cotidiano ao longo da conversa dando seu parecer sobre vários assuntos. A entrevista foi feita numa manhã chuvosa de novembro de 2002.
-------------	---

Família	4 pessoas (mulher, marido, filho e filha)
Sexo e idade	menina 1, menino 11, mulher 36, homem 44
Tempo de assentados	4 anos
Acampamento	Santo Antônio, 1 ano e 11 meses
Escolaridade	Menino 4 serie , ela foi até a 6 série e cursou um supletivo mas ficou com medo de fazer as provas, marido só quando pequeno, não informou anos
Trabalho	Esta família faz parte de um grupo de 9. Ela trabalhava na horta e agora cuida dos animais. Ele trabalha na lavoura, lá embaixo e às vezes na horta. No final da tarde há uma divisão de leite, ovos etc. Cada família retira o que precisa e produzem queijo com o restante. Tempos de cuidados dos bichos: pela manhã, tarde e tardinha. Um quatro horas mais ou menos. O marido fica na lavoura e não volta todos os dias para casa.
Cuidados com a casa	Tudo depende. Se o marido está em casa eles dividem porque ela por volta das cinco e trinta cuidar dos animais. Se ele está aqui em cima dividem as tarefas, ele toma conta da casa. O menino ajuda no cuidado da irmã.
Preferencias no trabalho	Levantar e já saber o que vai fazer. (cuidar dos bichos). Não sabe se tem o que menos gosta. Acha ruim limpar o chiqueiro.
Tempo livre	Se houver reunião vai, às vezes vai à igreja. "Tira um tempinho prá brincar com as piazzadas". Conversar com as vizinhas.
Atividades das crianças e quem cuida	Quando ela tira leite as vezes leva junto, as vezes a avó que mora perto cuida ou o marido quando está em casa. O menino se encontra na escola nesse período. Eles brincam, o menino ajuda nas tarefas e cuida da nené.
Dificuldades do trabalho	Falta de estrutura e prática porque o lugar é diferente.
Trabalho de homens e mulheres	Lavoura de arroz é feita só por homens. As

	<p>mulheres que vieram de Irai assumem qualquer tarefa. Tem outras que fazem mais o serviço de casa. Assim como tem homens que ajudam as mulheres a fazer o serviço de casa. O meu ajuda em tudo mas tem outros que não. Fazem só serviço pra fora. Direito igual trabalho igual.</p>
Reuniões e/ou núcleo	<p>Participa e faz parte da oficina da saúde. Sempre gostou dessa função. No acampamento foi coordenadora por um tempo e depois foi da pastoral da criança., que envolvia saúde.</p>

Família 2

Comentário	O homem foi bastante objetivo nas respostas não expandindo a conversa para outros assuntos. A entrevista foi feita numa manhã chuvosa de novembro.
Família	5 pessoas (mãe, padrasto, 2 enteados e irmão do homem)
Sexo e idade	menino 4 , menina 1,5 mulher 25 , homem 26, irmão do homem de 14
Tempo de assentados	3 anos
Acampamento	Santo Antônio das Missões, 2 anos
Escolaridade	Não, só o irmão mas como chegou a pouco tempo não conseguiu vaga.
Trabalho	Lavoura, de tudo um pouco. Faziam parte de um grupo mas saíram. Ela trabalha em POA como doméstica e vem só nos fins de semana.
Cuidados com a casa	Ele, quando ela não está em casa. Não tem idéia do tempo que gasta para fazer o trabalho doméstico. Na lavoura depende da época. Às vezes vai e fica uma semana lá embaixo.
Preferencias no trabalho	É difícil não gostar de alguma coisa. Lidar muito no lodo não gosta.
Tempo livre	Só no Domingo. Saem com as crianças. Às vezes vão a bailes.
Atividades das crianças e quem cuida	Ficam com a avó materna que mora a uns 400 m da casa e dormem lá. Nos fins de semana elas vem.
Dificuldades do trabalho	A lavoura é muito longe. Pegam carona de trator ou descem de carroça. A pé levam quase duas horas para chegar.
Trabalho de homens e mulheres	A maioria faz tudo. Antes era uma divisão por grupo.
Reuniões e/ou núcleo	Fazia parte de grupo de trabalho e núcleo para informar-se .

Família 3

Comentário	A entrevista foi respondida a vontade por mulher. A filha estava em casa. Conversamos na cozinha, enquanto a comida estava no forno. Perdi parte desta entrevista porque não percebi que a fita do gravador tinha terminado. Procurei dois dias depois a senhora para retomar a entrevista mas não a encontrei. Aproveitei o que pude desta entrevista.
Família	Três pessoas (mulher, marido e filha)
Sexo e idade	Mulher 50, homem 55, menina 11
Tempo de assentados	Quase três anos
Acampamento	Santo Antônio da Patrulha
Escolaridade	Ela 4 série, marido 4 série, menina 5 série
Trabalho	Marido trabalha na lavoura e ela trabalha em casa e na horta. A menina ajuda em casa e estuda.
Cuidados com a casa	Ela faz as tarefas da casa. A menina ajuda na faxina.
Tempo livre	Visita as vizinhas, recebe visitas.
Atividades das crianças e quem cuida	Ela cuida. A menina estuda de tarde e ajuda em casa e brinca.
Dificuldade do trabalho	Distância para chegar até a lavoura. Falta de dinheiro para comprar algumas coisas.
Trabalho de homens e mulheres	As mulheres fazem o trabalho em casa , cuidam da horta e os homens geralmente trabalham na lavoura ou pra fora.
Reuniões e/ou núcleo	Fazem parte. Quando podem participam das reuniões.

Família 4

Comentário	Respondida pela mulher na área.
Família	4 pessoas (marido, mulher e filhos)
Sexo e idade	Mulher 25 homem 29 menina 7 menino 9 meses
Tempo de assentados	Dezembro de 91
Acampamento	2 anos em Santo Antônio
Escolaridade	Mulher (2 ano do 2 grau) esposo (5 série) menina começará ano que vem
Trabalho	Lavoura lá embaixo plantado arroz no coletivo, os companheiros do setor A plantam junto, grupo de 8 famílias. Os homens é que vão para lá. Aqui em cima cada um tem o seu lote de 30 por 60. O resto é lá para baixo para completar o coletivo. As vezes ficam o dia inteiro na horta coletiva. No momento é para o próprio consumo pois o tempo não colaborou.
Cuidados com a casa	Ela cuida. O marido ajuda com pouca coisa. Além da horta as vezes ele trabalha “para fora”, de carpinteiro, pedreiro. Gasta mais ou menos meio dia para fazer as tarefas, as vezes mais quando precisa uma faxina geral.
Preferencias no trabalho	O que mais gosta é de limpar a casa. Na lavoura gosta de capinar um pouco.
Tempo livre	Ler, qualquer livro, qualquer revista.
Atividades das crianças e quem cuida	As crianças são levadas junto. Elas brincam o dia inteiro e a menina as vezes ajuda em casa e planta alguma coisa.
Dificuldades do trabalho	O que da mais trabalho é cuidar das crianças. A menina é muito agitada. As vezes ela ajuda a cuidar mas as vezes ela começa a judiar dele.
Trabalho de homens e mulheres	Nem sempre. As mulheres vão na lavoura também. Mas nem sempre eles ajudam no serviço da casa. Até que cuidar das crianças eles ajudam mas roupa para lavar e serviço de casa eles não ajudam. Por quê? Sei lá. Eles acham que é serviço de mulher.
Reuniões e/ou núcleo	As vezes sim, não de todas. Faz parte do setor de saúde. “Me botaram como coordenadora geral”. Antes era coordenadora de núcleo. Participava das reuniões e passava para o núcleo. Só os coordenadores podiam buscar no posto de saúde.

Família 5

Comentário	A entrevista ficou prejudicada porque a TV ficou o tempo inteiro ligada num volume alto. No início ela ficou um pouco resistente à entrevista depois foi se soltando.
------------	---

Família	3 pessoas (mulher, marido, filha)
Sexo e idade	Mulher 18, homem 25, menina 3
Tempo de assentados	3 anos
Acampamento	2 anos em Santo Antônio, depois para primavera
Escolaridade	Casal até a 6° série
Trabalho	Ela trabalha em casa, ele planta em tudo. Feijão, aipim , pipoca, milho, batata, melancia para consumo próprio. Na lavoura plantam arroz em grupo. O marido também trabalha como pedreiro fora.
Cuidados com a casa	Ela cuida. Gasta umas duas horas para deixar a casa limpinha.
Preferencias no trabalho	Gosta mais de trabalhar na roça porque em casa nunca aparece o trabalho e na roça sim.
Tempo livre	Vai passear, visita vizinha, visita a mãe e olha TV. A mãe mora no setor A.
Atividades das crianças e quem cuida	Ela cuida da menina.
Dificuldades do trabalho	Não sabe
Trabalho de homens e mulheres	Não. A mulher é na casa e na roça. A maioria do homens não ajudam em casa é só na roça. Meu irmão dentro de casa não faz de nada. Tinha que ser em partes iguais. O homem tinha que ser dentro de casa e na roça, como a mulher. Não sabe por que acontece isso.
Reuniões e/ou núcleo	Não participa. Só o marido participa. Fazia parte de um grupo de trabalho mas se separam por discussões internas. O marido continua no grupo. Ela não quis mais fazer parte do grupo e saiu.

Família 6

Comentário	Responderam a entrevista o casal e um dos filhos de 19 anos. Os dois gêmeos de 19 anos tem lote próprio, agora os que moram na casa é só o casal.
------------	---

Família	Casal
Sexo e idade	Mulher 49 e marido 53
Tempo de assentados	4 anos. Ficaram 6 meses acampados lá embaixo antes de construir a casa.
Acampamento	Um ano e dez meses em Santo Antônio.
Escolaridade	Ela fez segundo grau, foi professora de currículo 25 anos agora está aposentada. Ele foi até a 4 série. Um dos gêmeos está na ETA e o outro foi até a 8 em Águas Claras.
Trabalho	Tinham um grupo de trabalho na horta coletiva próxima que foi dividido por questões financeiras. Não tinham mais recursos e tiveram que se dividir. Mas na lavoura de arroz lá embaixo continuam trabalhando num coletivo. Agora cada um procura um “biscate” para não perder o que aplicaram no projeto e continuam plantando lá embaixo até conseguir mais recursos. Ou a cada dois meses teriam que vender uma vaca. A renda não era suficiente para o que estavam gastando. Não saiu um projeto que estavam esperando. Ela não trabalha fora porque tem a aposentadoria. O rapaz trabalha no fim de semana e estuda de tarde fazendo a parte de técnico agrícola.
Cuidados com a casa	Mulher. Até o meio-dia está com o serviço pronto.
Preferencias no trabalho	Homem gosta mais de lidar com o “bicharedo” e plantar árvores. Ele plantou muitas árvores. E da lavoura. Ela gosta de cuidar de crianças mas não passou no concurso. Rapaz estudar.
Tempo livre	Reuniões e grupo. Nas questões da comunidade. Estão fazendo uma experiência com plantas medicinais como <i>cidronela</i> , capim cidreira, alecrim e outras. Estão fazendo mudas e tem acompanhamento da secretaria de agricultura. Rapaz- jogar bola e organizar o grupo de jovens. Estão pensando em organizar o lazer. Aprende

	violão.
Atividades das crianças e quem cuida	Não tem.
Dificuldades do trabalho	Lavoura é muito longe. Não tem acesso interno. Tem que ficar lá ou ter um transporte.
Trabalho de homens e mulheres	Mulher- acho que sim. As mulheres trabalham mais que os homens. Cuidam da criação, vão para lavoura e cuidam da casa.
Reuniões e/ou núcleo	Participam. São coordenadores de um núcleo de 20 famílias. Nosso núcleo tem os setores de saúde, gênero, educação.

Família 7

Observações	Era uma manhã de sol de novembro. A mulher me atendeu na área bem disposta a conversar. Uma das filhas apareceu.
Família	5 pessoas (mulher, marido, filhas e cunhada)
Sexo e idade	Menina 7 menina 4 mulher 23 mulher 24 homem 27
Tempo de assentados	1 ano e dez meses
Acampamento	Encruzilhada do Sul
Escolaridade	
Trabalho	O marido trabalha esporadicamente no que aparece. Latasa, Brama, em POA. Ela trabalha em casa e na horta familiar.
Cuidados com a casa	Mulher realiza. Até o meio-dia está tudo pronto.
Preferencias no trabalho	Adora lavar roupa mas odeia fazer comida e lavar a louça. Enjoa todo dia aquela mesma coisa.
Tempo livre	Vai a casa de vizinhos ou os vizinhos visitam. É difícil sair de casa.
Cuidados com as crianças	Ela cuida das crianças. Não manda para a casa dos outros porque as considera muito sapequinhas; costuma levar elas junto a onde vai. Ela vai para o colégio e depois ficam pela casa. Tem mais crianças que ficam pelo pátio.
Dificuldades do trabalho	Não vê dificuldades no seu trabalho. A dificuldade do marido é que falta serviço. Por um dia inteiro de trabalho ganha em torno de 15 reais o que não é suficiente. A cunhada também “trabalha pra fora” e tem os mesmos problemas. As vezes consegue uma faxina grande.
Trabalho de homens e mulheres	Ela não trabalha em serviço pesado mas o marido trabalha. Mas se ela estiver doente o marido ajuda dentro de casa, menos lavar roupa, mas no demais ele ajuda. Ela acha bom a diferença quando o homem ajuda em casos de necessidade. O marido também faz serviço pesado na lavoura de baixo e ganha em torno de quinze reais. Perguntei se era dele mas ela não soube responder.
Reuniões/núcleo	Ela não participa. Não tem vontade. O cunhado participa das reuniões. Ele era da coordenação mas teve que largar porque não tinha tempo. Precisava chegar cedo para as reuniões e tinha o serviço.

Família 8

Observações	Era uma manhã de novembro, a mulher me atendeu com as crianças.
Família	5 (pai , mãe, três filhos)
Sexo e idade	Mulher 31 homem38 menina 10 menina 5 menina 2
Tempo de assentados	3 anos
Acampamento	Santo Antônio da Patrulha quase dois anos
Escolaridade	Menina 10 está na 4 série , ela fez até a 4 e ele a 1 incompleta
Trabalho	Ela só o trabalho doméstico , a horta e a criação. Ele trabalha na produção de arroz lá embaixo.
Cuidados com a casa	Ela cuida. Leva a manhã toda para cuidar da casa e na horta trabalha no final da tarde.
Preferencias no trabalho	Disse que prefere as duas.
Tempo livre	Fica com as meninas.
Atividades das crianças e quem cuida	Brincam. A mais velha ajuda. Frequenta a escola a tarde. A mãe cuida delas.
Dificuldades do trabalho	A dificuldade do marido é a distância da lavoura, é muito longe. A dela ficou pensando, acha que poderia ter mais condições, mais infraestrutura na horta.
Trabalho de homens e mulheres	Acha que sim.
Reuniões e/ou núcleo	Participa de algumas reuniões e faz parte de um núcleo.

Família 9

Observações	Ela me atendeu na área e ficou a vontade.
Família	6(pai, mãe e filho)
Sexo e idade	Menino 11 menino 9 menina 7 menino 5 mulher 26 marido 32
Tempo de assentados	4 anos
Acampamento	Um ano e 11 meses. Santo Antônio. começou a contar que não ficou muito tempo acampada porque na época estava com uma gravidez de risco e teve que ir a casa de parentes.
Escolaridade	Ela parou na 4º , ele fez até a 5º acha. Um menino vai para a 5, outro para a 2 e a menina para a 1. Estudam na escola do pedágio.
Trabalho	O trabalho dela é em casa e com as crianças. A horta está vazia no momento. O marido trabalha de pedreiro, não tem condições de “tocar direto” na lavoura. Eles fazem parte de um grupo de 9 ou 10 famílias e revezam para cuidar da lavoura para poder trabalhar fora e manter a casa.
Cuidados com a casa	Ela cuida da casa. Acha que leva o dia inteiro e quando sobra tempo vai para a horta.
Preferências	Não gosta da lavoura, gosta de trabalhar em casa.
Tempo livre	Sai visitar parentes e vizinhos
Atividades das crianças e quem cuida	Elas brincam e estudam de tarde. O menino maior às vezes sai para ajudar o pai no “trabalho pra fora”.
Dificuldades do trabalho	O marido tem dificuldade pela distância da lavoura e também de conseguir serviço perto. As vezes tem que ir até Viamão ou Porto Alegre. Para ela diz que está bom porque é dentro de casa seu trabalho.
Reuniões e/ou núcleo	Não participa. Está fora do movimento. Participa só de um grupo de trabalho familiar de 9 ou 10 mas não estão mais vinculados ao MST por problemas que não citou.
Trabalho de homens e mulheres	Depende da mulher e do homem. Ela já fez serviço de homem, ajudar eles na lavoura. Se tem uma coisa que ela não pode fazer o marido faz.

Família 10

Observações	Quem respondeu a entrevista foi a senhora e o neto. Eles me atenderam dentro de casa a vontade.
Família	Mãe, filho e neto.
Sexo e idade	Mulher 77, homem 41, rapaz 18
Tempo de assentados	4 anos, eles vieram a 3
Acampamento	Santo Antônio
Escolaridade	Ela fez um ano, o filho fez três e o neto fez o primeiro grau. A senhora contou que o neto começou a ir a uma aula do segundo grau em Viamão mas saiu porque “só tirava vermelho”. Ela mostrou-se preocupada pelo neto, diz que hoje em dia sem estudo é difícil.
Trabalho	Ela cuida da casa. O filho cuida da horta e da lavoura e o neto “tem que sair ganhar a vida” Ele trabalhava numa distribuidora de carvão.
Cuidados com a casa	Ela cuida. Leva o dia inteiro porque tem que ir “devagarzinho”.
Preferências no trabalho	Gostaria de ir mais para a horta mas parou. Ela gosta da cozinha. Rapaz gosta de qualquer trabalho.
Tempo livre	Ela deita um pouco, visita as vizinhas. O rapaz fica em casa e joga bola.
Dificuldades do trabalho	O baixo salário que pagam pelo serviço do neto por dia(15 reais). O serviço dele não é fixo, só no verão que tem mais. Eles perderam 12 sacos de milho que haviam comprado porque não deixam botar veneno e as formigas comeram. Eles plantam individualmente.
Trabalho de homens e mulheres	Tem mulher que faz que homem. Ela via no interior. Enquanto o homem tomava o chimarrão a mulher tirava o leite e o arrumava, colocava as panelas no fogão e iam para a roça juntos. Ela ia para a cozinha e ele ia para a criação. Depois ele ia deitar e ela ia lavar a louça. Ela acha que tem homens que ajudam mas tem outros que não sujam as mãos. As mulheres lidam com a casa e lá fora. O rapaz acha que ali tem mulheres que ficam mais em casa.
Reuniões e/ou núcleo	O filho participa.

Família 11

Observações	Quem respondeu a entrevista foi um homem. Ele estava na frente de sua casa, ao lado da serralheria familiar. Assembléia de Deus.
Família	Ele, esposa, 2 filhos e 1 filha
Sexo e idade	Homem 39, mulher 37, rapaz 17, moça 15, menino 12
Tempo de assentados	4 anos
Acampamento	Santo Antônio
Escolaridade	Ele 3 ^a série, esposa 5 ^a série, rapaz 8 ^a , moça 5 ^a menino 6 ^a . Os filhos estudam na escola Associação.
Trabalho	Ele trabalha na lavoura de arroz e na serralheria. Eles tinham a serralheria na parte central de Águas Claras, ao lado da igreja Santa Terezinha, fora do assentamento. Acharam "por bem" e por pelo custo do aluguel "levar" para o atual local. A divisão de trabalho na lavoura é alternada, às vezes ele vai para lá ou o irmão, às vezes está na serralheria.
Cuidados com a casa	A esposa "luta com o trabalho da casa, vai capinando", os filhos ajudam no trabalho. O rapaz é serralheiro. Acordam por volta das cinco. Quando estão muito cansados deitam por volta das dez, às vezes deitam até meia-noite. Quando podem almoçam meio-dia mas às vezes tem que almoçar por volta das 13:30 se tem muito trabalho.
Preferências no trabalho	O trabalho que ele mais gosta é a lavoura é "ficar de barde", sem trabalhar.
Tempo livre	Tomar chimarrão, ler a Bíblia.
Dificuldades do trabalho	As forças são pequenas. Se tivessem condições melhores de trabalho, financiamento, falta de dinheiro.
Trabalho de homens e mulheres	"Depende". Tem mulheres que trabalham mais que homens, trabalham junto. Os motivos para isso é que tem pessoas que querem subir na vida e trabalham junto. Mas tem caras que são meio parados e as mulheres trabalham mais. Mas a maioria trabalham junto.
Reuniões e/ou núcleo	Não. Ele participava mas acha que a maioria das reuniões é passatempo. Que às vezes as pessoas falam coisas que nem precisaria e que os outros não querem ouvir. São os chamados "picunheiros", tocam numa tecla que não precisaria e "mata o tempo que poderiam estão

trabalhando".

Família 12

Comentário	Respondida por uma mulher que estava no pátio. Sentamos na varanda da casa e respondeu a entrevista com tranqüilidade. O marido tem um pequeno bar a pouca distância de sua casa, dentro do assentamento.
Família	3(mulher, marido, filha)
Sexo e idade	Mulher 51, homem 51, menina 10
Tempo de assentados	4 anos
Acampamento	Ela não. O filho do marido estava em Santo Antônio um ano e oito meses.
Escolaridade	Ela foi 4 anos porque os pais a tiraram porque não tinham condições que fosse estudar. O marido foi 2 ou 3 anos. A filha está na 4ª série, na escola do pedágio.
Trabalho	Nas terras destinadas ao arroz eles plantam. As outras não conseguem porque às vezes perdem. Tem a horta onde plantam algumas coisas, tem vaca de leite, fazem queijo e "a gente vai se virando assim".
Cuidado com a casa	Ela. Acordam por volta das seis, tomam chimarrão, depois trata das vacas, galinhas e porcos e faz o serviço de casa. Depois vai para a horta. Às 12:00 está pronto o almoço. Lava a louça e quando da dorme aproximadamente meia hora. Depois recomeça o trato com os animais. "a lida é sempre a mesma, a rotina é sempre a mesma".
Preferências no trabalho	Gosta de tudo. Mas gostaria de ficar menos dentro de casa. Prefere a roça.
Tempo livre	Gosta de ficar caminhando, ou visita as vizinhas. Não assiste muita televisão, só a noite. Não gosta de ficar parada.
Atividades das crianças e quem cuida	Ela faz servicinhos, a mãe deixa ela fazer as primeiras faxinas. Também faz crochê, assiste televisão, brinca. Estuda pela tarde.
Dificuldades no trabalho	Ela não acha tanto agora. No primeiro ano foi difícil porque tinham que descer até a lavoura todos os dias e lavar a braço e com boi. Os animais ficavam na parte de moradia meio largados, sem os cuidados necessários. No outro ano somente o marido ia e atualmente plantam o arroz em grupo.
Trabalho de mulheres e homens	Não. As mulheres às vezes fazem mais trabalho que os homens mas o homens dificilmente fazem os trabalhos como lavar roupa ou ajudar

	dentro de casa. Só se obrigam. Lava roupa todos os dias, geralmente pela manhã.
Reuniões e/ou núcleo	Participa da reunião da saúde. E do núcleo (grupo de famílias para combinar o que deve ser feito) é o marido é que vai porque "é homem que vai"... "mulher alguma que outra é que vai".

Particularidades das entrevistas 13, 14, 15, 16, 17

Comentário	As próximas entrevistas foram feitas numa casa onde estavam reunidas 5 famílias diferentes. O motivo da reunião era a visita a um bebê de poucos dias. Num primeiro momento pensei em marcar para outro dia mas como as pessoas se mostraram dispostas a responder aproveitei a oportunidade.
------------	---

Família 13

Comentário	Respondida por homem
Família	7 (marido, mulher, 2 filhos, filha, genro e neto)
Sexo e idade	Menino 7 dias, homem 43, mulher 43, mulher 20, homem 23, menino 11, menino 10
Tempo de assentados	2 anos
Acampamento	Santo Antônio
Escolaridade	Homem 4 série,
Trabalho	O homem trabalha como pedreiro em POA. O rapaz em mecânica. O homem acorda por volta das 6 e a mulher por volta das 7 e não têm animais. Almoçam por volta de meio-dia. Não costumam descansar depois do meio-dia. Dormem por volta das 22:00.
Cuidados com a casa	As mulheres realizam.
Preferências no trabalho	Ele gosta de ser pedreiro. Ela gosta de lavar louça e cuidar das crianças.
Tempo livre	Passear.
Atividades das crianças e quem cuida	Vão para a aula, estudam em casa, brincam.
Dificuldades no trabalho	Para ele é ir para o trabalho porque é em POA. Para esposa não tem dificuldade.
Trabalho de homens e mulheres	Fazem o mesmo tipo de trabalho.
Reuniões e/ou núcleo	Não.

Família 14

Comentário	Respondido por mulher.
Família	5 (mulher, marido, filhas, netos)
Sexo e idade	Mulher 45, homem 52, menina 11, menina 8, menino 2, mulher 25
Tempo de assentados	4 anos
Acampamento	Santo Antônio
Escolaridade	
Trabalho	Ela trabalha em casa e o esposo na roça. Ela acorda às 6, tem animais e uma das primeiras atividades que realiza é tirar o leite. Almoçam por volta do meio-dia. Às vezes descansam depois do meio-dia.
Cuidados com a casa	As mulheres riram e falaram que nem precisava perguntar, elas realizavam. Dormem por volta das 22:00.
Preferências no trabalho	Não gosta de lavar a casa.
Tempo livre	Sair para passear.
Atividades das crianças e quem cuida	Ela cuida. Elas estudam e brincam. Ajudam em casa.
Dificuldades no trabalho	Falta de produtos necessários para fazer almoço. Ela disse que não seria esse o tipo de assentamento que eu deveria pesquisar porque não era bem um assentamento. Porque a lavoura era longe e não tinha como buscar ou plantar determinados produtos. A gente mora num pedacinho e no outro longe planta.
Trabalho de homens e mulheres	Acham que fazem o mesmo tipo de trabalho.
Reuniões e/ou núcleo	Não.

Família 15

Comentário	Respondido por mulher
Família	6(Mulher, marido, 2 filhos e 2 filhas)
Sexo e idade	Ela 36, homem 37, moça 16, menino 14, menino 13, menina 10
Tempo de assentados	4 anos
Acampamento	Santo Antônio
Escolaridade	
Trabalho	As mulheres trabalham em casa e capinando e o homem trabalha fora, de servente de pedreiro. Acordam por volta das 7 horas.
Cuidados com a casa	A mulher realiza. O almoço tem que estar pronto por volta de 11:45 ou 12:00 por causa da escola das crianças. Não costuma descansar depois do meio-dia.
Preferências no trabalho	
Tempo livre	Visitar as vizinhas.
Atividades das crianças e quem cuida	Ela cuida. Vão ao colégio, fazem tema, brincam.
Dificuldades no trabalho	Concorda que a lavoura é longe. Outra dificuldade é a mobilidade da marcação da terra lá embaixo. Ainda não chegaram a um acordo.
Trabalho de homens e mulheres	Mesmo tipo. Homens tiram leite e ajudam a cuidar das crianças. Mulheres vão para lavoura.
Reuniões e/ou núcleo	Participa. O marido faz parte do núcleo da água.

Família 16

Comentário	Respondida por mulher
Família	Mulher, marido e filho
Sexo e idade	Ela 19, homem 23, filho 3
Tempo de assentados	4 anos
Acampamento	Santo Antônio
Escolaridade	
Trabalho	Ela trabalha um pouco na agricultura e na cozinha.
Cuidados com a casa	A mulher realiza. Ela acorda 7:30 ou 8:00 e almoça 12:00 ou 12:30 dependendo do horário que terminam de trabalhar. Não costuma descansar depois do meio-dia.
Preferências no trabalho	Não disse.
Tempo livre	Passear, visitar as vizinhas.
Atividades das crianças e quem cuida	Ela cuida, brinca.
Dificuldades no trabalho	Distância da lavoura.
Trabalho de homens e mulheres	Mesmo tipo.
Reuniões e/ou núcleo	não

Família 17

Comentário	Respondido por mulher
Família	3 (mulher, marido, filho)
Sexo e idade	Ela 24, homem 30, menino 4
Tempo de assentados	4 anos
Acampamento	Santo Antônio
Escolaridade	
Trabalho	Ela trabalha em casa e ele é zelador.
Cuidados com a casa	A mulher realiza. Acordam por volta das 7:00 e almoça em torno de 12:00. Não costuma descansar depois do meio-dia.
Preferências no trabalho	Não manifestou.
Tempo livre	Visitar as vizinhas.
Atividades das crianças e quem cuida	Ela cuida, brinca, dorme.
Dificuldades no trabalho	Distância da lavoura.
Trabalho de homens e mulheres	Não falou muito, mas disse que é o mesmo tipo.
Reuniões e/ou núcleo	não

Família 18

Comentário	Atendida por casal com filho. Ficamos sentados na varanda e conversamos. A mulher e o homem responderam. O rapaz só falava quando eu fazia uma pergunta diretamente a ele.
Família	6(mulher, marido, 3 filhas, 1 filho)
Sexo e idade	Mulher 39, mulher 21, homem 38, homem 18, moça 16, moça 14.
Tempo de assentados	3 anos.
Acampamento	Não estiveram. O pai do homem que fez o cadastro.
Escolaridade	Ela até a Quarta. Os filhos estão estudando. O filho está no terceiro ano do ensino médio, a mais velha está fazendo supletivo e a outra filha está na oitava, no Apolinário.
Trabalho	Ela trabalha em casa e o marido na lavoura e na igreja dando orientação para as pessoas. Os filhos ajudam.
Cuidados com a casa	Ela cuida mais da casa mas os filhos ajudam. Costumam acordar por volta das 7:00,7:30. Almoçam no horário certo, meio-dia. Procura fazer quase tudo de manhã e deixa para passar roupa pela tarde. Ele trabalha para a igreja dando assistência ao pessoal durante o dia tanto no assentamento quanto em Viamão.
Preferências no trabalho	Ela prefere cozinhar e não gosta de passar roupa. Ele gosta mais de trabalhar na igreja e o rapaz gosta de estudar.
Tempo livre	Ela faz crochê , gosta de ler e estudar. Ele visita pessoas. O rapaz gosta de escutar som.
Atividades das crianças e quem cuida	Não há.
Dificuldades no trabalho	No serviço da casa não há. A distância da lavoura é a maior dificuldade. O transporte para ir estudar porque a parada é muito longe.
Trabalho de homens e mulheres	Depende. Tem famílias que todos fazem o mesmo tipo de trabalho e outras não.
Reuniões e/ou núcleo	Participam de um grupo de plantação mas saíram do movimento porque não estão satisfeitos e não tem necessidade de trabalhar com o MST. É um grupo de 10 irmãos que saiu do movimento depois de assentados.

Família 19

Comentário	Respondi a entrevista na varanda. Era um casal de idosos que estavam sendo visitados pela filha, o marido e um vizinho. Responderam à vontade, tanto ela quanto ele.
Família	2 (marido e mulher)
Sexo e idade	Ela 73, ele 69
Tempo de assentados	Quase 4 anos
Acampamento	Santo Antônio
Escolaridade	Ela freqüentou um ano a escola, ele não. Não são alfabetizados.
Trabalho	Ele trabalha na roça e biscates como servente de pedreiro. Eles não ganharam terra na lavoura pela idade. Ela trabalha em casa e na roça.
Cuidados com a casa	Ela cuida. Costumam acordar por volta das 6:00 e tomar chimarrão. As tarefas como limpar a casa e lavar roupa são feitas antes do meio-dia. Costumam descansar uma hora quando não tem serviço. Dormem por volta das 11:00.
Preferências no trabalho	Ela gosta de fazer tudo. Ele também, o que serviço que aparecer ele faz.
Tempo livre	Costumam visitar alguma filha, passear para passar o tempo.
Atividades das crianças e quem cuida	Não há.
Dificuldades no trabalho	Ela quando fica doente. Ele quando trabalha demais, acha que é pela idade já, tem dores nas costas.
Trabalho de homens e mulheres	Depende da mulher. Tem mulheres que trabalham mais que os homens porque vão para roça e trabalham na casa. E os homens não fazem o serviço da casa. Ela por exemplo trabalhava mais porque teve 12 filhos e nunca parou de trabalhar na roça e fazia o serviço de casa. "Os filhos poderiam ajudar mais quando ele ia para roça levava tudo".
Reuniões e/ou núcleo	Eles não participam mas os filhos sim.

Família 20

Comentário	Fui atendida por um casal jovem. Me receberam bem. Responderam na sala. Os dois falavam, ela mais timidamente.
Família	2(mulher e marido)
Sexo e idade	Ele 26, ela 22
Tempo de assentados	4 anos
Acampamento	Santo Antônio
Escolaridade	Ele até a Quinta, ela até a sétima.
Trabalho	Plantam arroz na lavoura e na horta plantam o básico para sua alimentação: aipim, milho, hortaliças. Se surge algum trabalho extra ele faz.
Cuidados com a casa	Ela cuida da casa. Acordam por volta das 7:00 Tratam dos animais, preparam alimentos. Lava roupa pela tarde.
Preferências no trabalho	Qualquer trabalho ele gosta. Ela gosta mais do trabalho dentro de casa.
Tempo livre	Vão à igreja, visitar vizinhos.
Atividades das crianças e quem cuida	Não há.
Dificuldades no trabalho	Ir na lavoura porque é muito longe. As vezes vão de carroça, ou cavalo.
Trabalho de homens e mulheres	Sim. Depende de combinarem e fazerem.
Reuniões e/ou núcleo	De vez em quando. Fazem parte de um núcleo da água e da luz.

Família 21

Comentário	A entrevista por respondida na varanda da casa pelo casal, mas o homem falou quase tudo. Ao lado da casa, no mesmo terreno há uma igreja evangélica Deus é amor. O homem perguntou qual a finalidade de minha entrevista e não permitiu que gravasse. No final me convidou para assistir um culto de sua igreja qualquer dia que eu quisesse.
Família	5(pai, mãe, 1 filha e 2 filhos)
Sexo e idade	Ele 35, mulher 31, menina 10, menino 8, menino 6
Tempo de assentados	4 anos
Acampamento	Santo Antônio
Escolaridade	Homem e mulher estudaram até a quinta. A menina está na quinta e o menino de 8 anos na primeira série. O menor não estuda ainda.
Trabalho	Na lavoura plantam arroz, milho e feijão. Na horta aipim , batata, batata doce. "A temporalidade depende da época de plantio". Faz bicos quando aparece trabalho em sítios. Ele ajuda na horta e em casa. Ela trabalha em casa e na horta e as crianças ajudam.
Cuidados com a casa	Dividem as tarefas e a menina maior ajuda. Acordam por volta das 6:00, tratam os bichos. Almoçam por volta de meio-dia. O horário de lavar as roupas varia.
Preferências no trabalho	Não anotei.
Tempo livre	Vão à igreja, visitam vizinhos, vão passear.
Atividades das crianças e quem cuida	Eles cuidam. O menino estuda de tarde e a menina de manhã. Ajudam no trabalho e "fazem bastante folia".
Dificuldades no trabalho	Falta de recursos. A divisão do assentamento que deixou a lavoura longe da parte de moradia.
Trabalho de homens e mulheres	Nem todos. O homem faz o trabalho pesado (cerca, construção, trabalho). As mulheres lavam a roupa.
Reuniões e/ou núcleo	No início sim, agora nem tanto.

Família 22

Comentário	A entrevista foi respondida por uma mulher, dentro de casa, na cozinha. Os dois filhos pequenos estavam com ela. Respondeu com muita calma e a vontade.
Família	4(mãe, pai e filhos)
Sexo e idade	Ela 20, homem 27, menino 3, menino 1,7 anos
Tempo de assentados	4 anos
Acampamento	O esposo era, não lembra qual
Escolaridade	Ela foi até a quinta e ele até a sétima
Trabalho	Marido trabalha na lavoura e de tarde na CEASA. Eles não tem mais horta porque criam galinhas. Ela trabalha em casa e cuida das galinhas.
Cuidados com a casa	Ela faz. Costumam acordar entre 7 e 7:30. A primeira coisa que faz é tratar os bichos. Depois limpa a casa, prepara a comida. Almoçam entre 11:30 e 12:00 porque ele tem que ir para POA na CEASA. Não costuma dormir depois do almoço. Costuma fazer tudo de manhã.
Preferências no trabalho	Ela gosta de tudo porque passa o tempo.
Tempo livre	Costumam sair , visitar os vizinhos.
Atividades das crianças e quem cuida	Ela cuida. Eles brincam bastante.
Dificuldades no trabalho	No dela não tem. As dificuldades dele é ir até a CEASA. Ele vai de moto e quando chove é ruim.
Trabalho de homens e mulheres	Acha que não. "O que o homem faz ninguém desmancha e a mulher já é diferente". A mulher faz o serviço tudo dentro de casa e no outro dia é o mesmo serviço pra fazer, nunca se termina. E o homem é diferente, o que o homem faz ninguém desmancha, ele faz as coisas dele, trabalha pra fora e tem tudo o que é dele". ..."A mulher é sempre o mesmo, sempre o mesmo, todos os dias é o mesmo. A gente limpa e os filhos vem e sujam. Que nem aqui em casa, eu passo direto limpando tudo e quando vou ver está tudo sujo de novo".
Reuniões e/ou núcleo	Meu esposo é coordenador de grupo para fazer projeto das verbas que vem. Ele faz os relatos para as famílias.

Família 23

Comentário	A entrevista foi respondida por duas mulheres no pátio da casa, debaixo das árvores, à vontade. A moça que respondeu era filha da mulher mas não morava nessa casa. Estava de visita devido a gravidez que exigia cuidados por já ter perdido um filho.
Família	3(mulher, marido, menino)
Sexo e idade	Ela 42, homem 43, menino 13
Tempo de assentados	
Acampamento	Santo Antônio
Escolaridade	Menino está na quarta série, ela não chegou a fazer o primeiro ano sabe escrever o nome, o homem fez até a terceira série.
Trabalho	Ela cuida da casa e da horta. Cria porcos, galinhas, vacas. O esposo trabalha na lavoura e quando tem folgas trabalha como cortador de mato.
Cuidados com a casa	Ela cuida da casa. Acordam 5:30 , 6:00 e deitam 8:30, 9:00 horas. As primeiras atividades é fazer o café e depois tratar os animais. Faz a comida e lava a roupa. Depois vai para horta. As vezes tem que cortar lenha e pasto para os bichos.
Preferências no trabalho	Gosta de tudo. Cuidar dos bichos. Ela prefere "lidar pra fora do que dentro de casa"... " Tu ficas o dia inteiro dentro de casa e tu ve, não aparece. Se tu vai na lavoura te aparece o serviço".
Tempo livre	"Fico sentada tomando chimarrão, proseando. Vejo televisão". "É difícil sair por causa dos bichos , trabalhamos todos os dias".
Atividades das crianças e quem cuida	Estuda de tarde e ajuda no serviço. Brinca com os colegas.
Dificuldades no trabalho	Perder o plantado. Plantaram milho no ano passado mas perderam grande parte. Trabalhar na lavoura e perder o que plantaram.
Trabalho de homens e mulheres	Mesmo serviço porque é no interior. Na cidade as vezes a mulher fica mais em casa e o homem faz o serviço mais pesado. Na colônia é parêlo. Os homens ajudam em casa, só não lavam as panelas, só se pedirem.
Reuniões e/ou núcleo	Ele participa nas reuniões. Se não vai é porque não pode porque chega muito cansado e tem problema de rim há mais de quatro anos que espera para ser operado de pedras nos rins.

Família 24

Comentário	Esta entrevista foi respondida por uma mulher na rua, enquanto lavava roupa. Como ela não se mostrou muito receptiva apesar de concordar em responder a entrevista eu não pedi para usar o gravador. No meio da entrevista passou pela rua um ônibus vendendo frutas e o filho pedia de forma insistente bananas mas ela disse que não tinha dinheiro. No fim achou uma moeda e o menino comprou duas bananas.
Família	5(mulher, marido e 3 filhos)
Sexo e idade	Ela 32, homem 36, menino 10, menino 6, menino 4
Tempo de assentados	4 anos
Acampamento	Primavera, São Luiz Gonzaga
Escolaridade	Ela fez até a sexta e terminou o 1º grau num supletivo. Marido completou a oitava e o menino de 10 está na terceira série. Os demais não estudam.
Trabalho	Ela trabalha em casa e na roça. O marido na plantação de arroz.
Cuidados com a casa	Ela cuida da casa. Acorda por volta das 6:30, uma das primeiras atividades e dar comida para os bichos. Limpa a casa de manhã, almoça entre 11:30 e 12:00. Lava roupa pela tarde. Dormem por volta das 11:00.
Preferências no trabalho	Não gosta de lavar roupa.
Tempo livre	Ela brinca com as crianças, é agente da saúde e assiste televisão.
Atividades das crianças e quem cuida	Ela cuida dos filhos e do guri da vizinha pela manhã. As crianças correm e brincam. O maior estuda.
Dificuldades no trabalho	Ela tem problema de hérnia de disco. A dificuldade do marido é a distância da lavoura.
Trabalho de homens e mulheres	É diferente. As mulheres não conseguem ir na lavoura por causa dos filhos.
Reuniões e/ou núcleo	Participa das reuniões da saúde e da coordenação.

7. ANEXO - Diagnóstico de Realidade do Assentamento